

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Belas Artes

Curso de Conservação Restauração de Bens Culturais Móveis

Tarcisio Rodrigues Botelho

TÍTULO

“Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais”, de

Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos:

intervenção no Códice AVC-16 (Arquivo Público Mineiro)

Belo Horizonte – MG

2025

Tarcisio Rodrigues Botelho

“Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais”, de

Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos:

intervenção no Códice AVC-16 (Arquivo Público Mineiro)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Conservação-Restauração, do Curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Márcia Almada, Dra.

Belo Horizonte – MG

Junho de 2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE
BENS CULTURAIS MÓVEIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

“Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais”, de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos: intervenção no Códice AVC-16 (Arquivo Público Mineiro)

TARCISIO RODRIGUES BOTELHO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, aprovado em 27/06/2025 pela banca constituída pelos membros:

Profa. **MÁRCIA ALMADA**
Orientadora

Profa. **PRISCILA CRISTINA MARTINS DE OLIVEIRA**
Examinadora

Prof. **YGOR GABRIEL ALVES DE SOUZA**
Examinador

Belo Horizonte, 27 de junho de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Almada, Professora do Magistério Superior**, em 27/06/2025, às 12:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ygor Gabriel Alves de Souza, Usuário Externo**, em 07/07/2025, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Priscila Cristina Martins de Oliveira, Usuária Externa**, em 16/07/2025, às 12:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4327582** e o código CRC **0DDBA573**.

Resumo: O trabalho teve por objetivo geral realizar uma intervenção no Códice AVC-16, do acervo do Arquivo Público Mineiro, denominado “Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais”, apócrifo mas de autoria atribuída de forma segura a Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, sendo parte do percurso formativo em Conservação de Documentos Gráficos, do Curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais. A proposta de intervenção no Códice AVC-16 apoia-se no campo da Restauração. O manuscrito encontrava-se bastante deteriorado, embora estável do ponto de vista da ação de agentes biológicos ou mecânicos. Foram identificadas as condições de produção do manuscrito, realizados os estudos preliminares para orientar sua restauração e feito o reforço do suporte através do uso da máquina obturadora de papéis (MOP).

Palavras-chave: Restauro de papel. Tinta ferrogálica. Manuscrito. Minas Gerais. Século XIX.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Corte inferior do códice com pintura vermelha	10
Figura 2. Selo da Coroa portuguesa no interior do códice	11
Figura 3. Carimbo do Arquivo Público Mineiro	11
Figura 4. Restos de material impresso aderidos ao verso da última folha do códice	12
Figura 5. Exemplo de fólio com intenso ataque de insetos bibliófagos	13
Figura 6. Exemplos de fios da antiga costura da encadernação, em locais intensamente atacados por insetos xilófagos	24
Figura 7. Exemplo de fólio com numeração em grafite	26
Figura 8. Exemplo de ponte com papel japonês preencolado	29
Figura 9. Exemplo de variações nos tamanhos dos cortes do bifólio	30
Figura 10. Exemplo 1: delimitação de mancha gráfica do bifólio 73-74	31
Figura 11. Exemplo 2: delimitação de mancha gráfica do bifólio 58-59	32
Figura 12. Marca d'água com flor-de-lis e coroa	34
Figura 13. Marca d'água com balança e folhagem	35
Figura 14. Contramarca de canto com balança	35
Figura 15. Selo fiscal de 20 réis com as armas do Reino de Portugal	36
Figura 16. Fólios 14 e 15 ainda unidos como bifólio	37
Figura 17. Folio 39 já separado	38
Figura 18. Folios 2 e 38 reunidos	39
Figura 19. Teste de solubilidade da tinta, amostras A, B e D	41
Figura 20. Teste de solubilidade da tinta, amostras C e selo fiscal	41
Figura 21. Bifólio 126-129 com correção no canto inferior direito	42
Figura 22. Bifólio 25-28 com correção extensa por toda a folha 25 r	43
Figura 23. Teste de cor da polpa de papel	48
Figura 24. Folha 47 r antes e após restauração com banho de 5 minutos	50
Figura 25. Folha 73 r antes e após a restauração	54
Figura 26. Folha 126 r antes e após a restauração.....	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Mapeamento do Códice AVC-16 conforme o número de bi-fólios por caderno	27
Quadro 2. Teste de solubilidade da tinta à água	40
Quadro 3. Imageamento Multiespectral dos fólhos 25 e 70 do Códice AVC 16 do APM	44
Quadro 4. Dimensão, massa e gramatura de bifólios selecionados	45
Quadro 5. Teste de pH	45
Quadro 6. Massa de bifólios selecionados	47
Quadro 7. Procedimentos para obturação e reenfibragem mecânica	51
Quadro 8. Procedimentos para acabamento da obturação e reenfibragem mecânica	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APM Arquivo Público Mineiro

MOP Máquina obturadora de papel

SUMÁRIO

RESUMO	5
LISTA DE FIGURAS	6
LISTA DE QUADROS	7
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	7
1. INTRODUÇÃO	9
2. CAPÍTULO 1. DIOGO PEREIRA RIBEIRO DE VASCONCELOS E A “BREVE DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA, FÍSICA E POLÍTICA DA CAPITANIA DE MINAS GERAIS”	16
3. CAPÍTULO 2. DESCRIÇÃO CODICOLÓGICA DO CÓDICE AVC-16 DO APM”	23
4. CAPÍTULO 3. TESTES PRELIMINARES E TRATAMENTOS E DO CÓDICE AVC-16 DO APM	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
6. REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS	Erro!

Indicador não definido.7

1. INTRODUÇÃO

O Arquivo Público Mineiro (APM) guarda na Coleção Avulsos da Capitania (AVC) um códice manuscrito, com a notação AVC-16, denominado “Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais”, apócrifo mas de autoria atribuída de forma segura a Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos (Anastasia, 1994, p. 12). O códice AVC-16 não tem data, mas o inventário da Coleção Avulsos da Capitania atribui-lhe o ano de 1806. Esse relato é considerado um documento importante para o entendimento da história de Minas Gerais na conjuntura final do período colonial. Existem outras cópias manuscritas do relato guardadas na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ), que foram utilizadas para a publicação feita pela Fundação João Pinheiro em 1994 dentro da Coleção Mineiriana. O estudo crítico que abre a publicação, de Carla Maria Junho Anastasia, informa que “o exemplar do estudo de Diogo P. R. de Vasconcelos, pertencente ao Arquivo Público Mineiro, perdeu-se irremediavelmente. Consta que foi presenteado a uma alta autoridade do governo mineiro, que jamais o devolveu” (Anastasia, 1994, p. 11). Aparentemente, o códice AVC-16 é esse exemplar tido como “irremediavelmente perdido”.

O autor da “Breve descrição...” nasceu na cidade do Porto em 1758, veio para a Capitania de Minas Gerais com nove anos de idade, estudou no seminário de Mariana e depois formou-se em leis na Universidade de Coimbra, em 1783. Ocupou cargos importantes dentro da burocracia colonial da capitania, como vereador, procurador da fazenda, tesoureiro vitalício da intendência de Ouro Preto, caixa (administrador) da extração de diamantes do Abaeté. Faleceu no Rio de Janeiro em 1812 quando ocupava o cargo de juiz criminal do distrito de São José, dessa cidade (Anastasia, 1994, p.25-6). A presença nesses cargos franqueou-lhe o acesso a manuscritos sobre a capitania que lhe forneceram o material para a redação da “Breve descrição...”.

O manuscrito do APM é um códice in 4º com 14,5 cm de largura e 20,5 cm de altura. Sua espessura variava de 3,0 cm na lombada até 2,2 cm no corte. Contém 142 folhas, das quais 134 estavam numeradas com grafite, aparentemente acrescentados posteriormente. As oito primeiras folhas, anteriores ao início do texto, não estavam

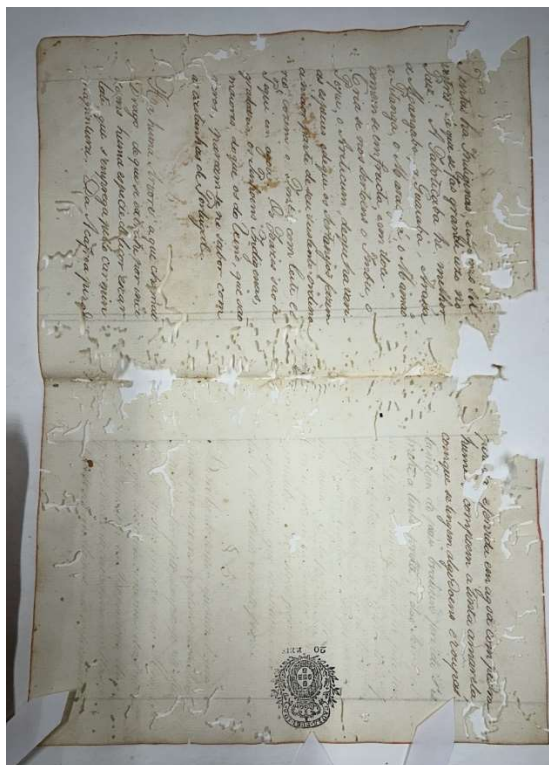
numeradas. O papel é de trapo e a camada pictórica do texto foi produzida com tinta ferrogálica. Há diversas partes com esmaecimento da tinta. Os cortes do códice apresentam uma pintura vermelha (Figura 1). Diversas folhas apresentam o selo da Coroa portuguesa (Figura 2) e a frente da primeira página contém o carimbo do APM (Figura 3).

Figura 1. Corte inferior do códice com pintura vermelha.



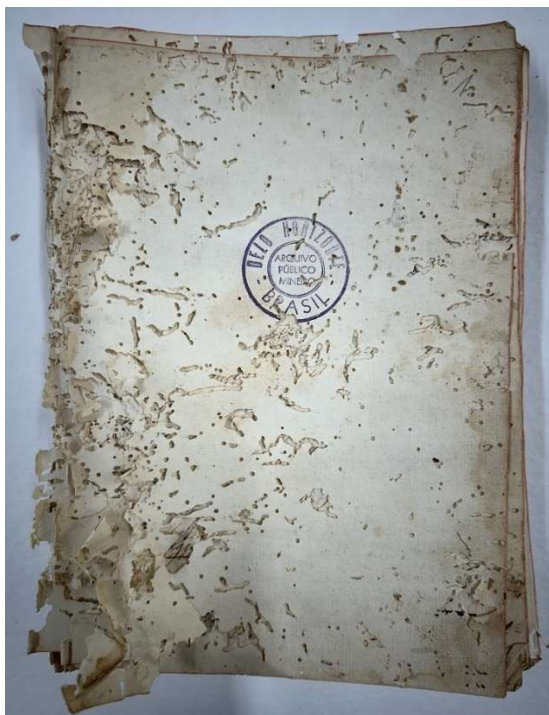
Fonte: APM, Códice AVC-16, 24/07/2024, fotografia do autor.

Figura 2. Selo da Coroa portuguesa no interior do códice.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 24/07/2024, fotografia do autor.

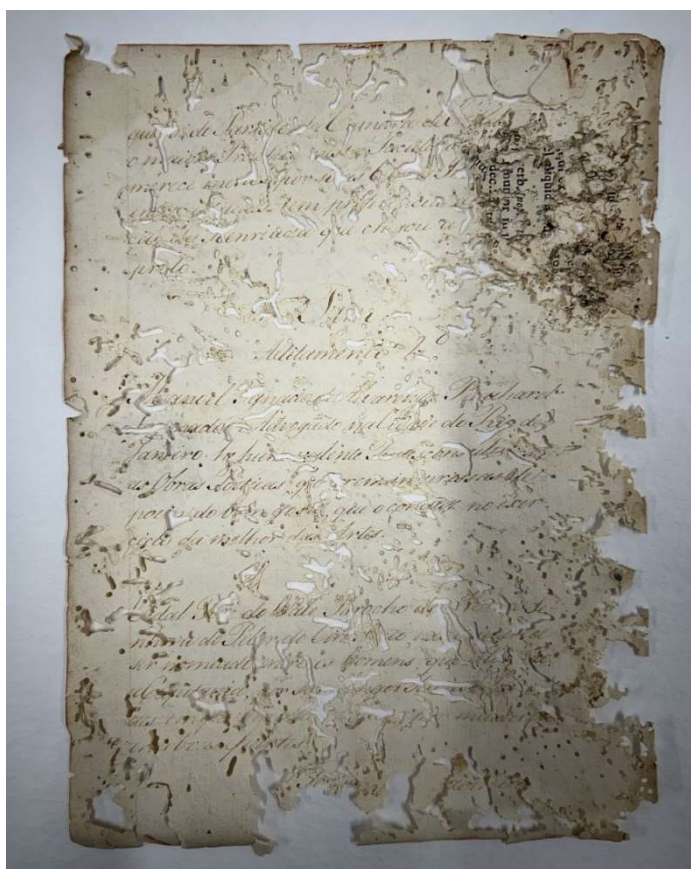
Figura 3. Carimbo do Arquivo Público Mineiro.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 24/07/2024, fotografia do autor.

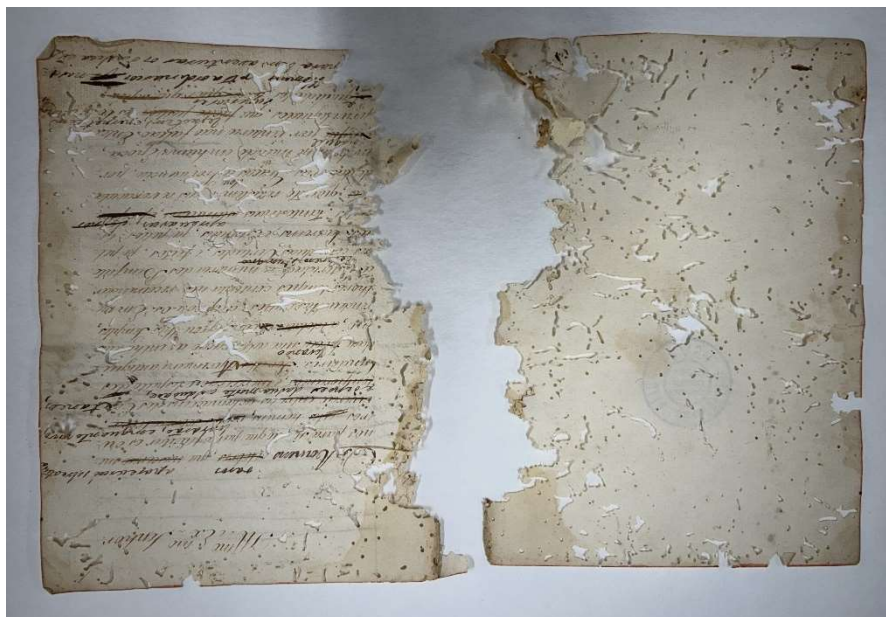
Quando tivemos acesso ao códice, ainda nas dependências do APM, ele apresentava-se em péssimo estado de conservação. Houve a perda da encadernação, não restando mais do que alguns fios da linha da costura original e os restos do material que, aparentemente, teria sido utilizado na confecção da pasta da capa inferior (Figura 4). Houve ataques de insetos bibliófagos, sobretudo nos fundos dos cadernos, sendo mais intensos nos terços inicial e final do códice (Figura 5). Ele aparentava ter alguma sujidade decorrente dos ataques de insetos, manchas de maré e marcas de uso, sobretudo nas bordas. Aparentemente, o papel não se encontrava acidificado. De todo modo, havia uma intensa fragilização do suporte.

Figura 4. Restos de material impresso aderidos ao verso da última folha do códice.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 24/07/2024, fotografia do autor.

Figura 5. Exemplo de fólio com intenso ataque de insetos bibliófagos.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 24/07/2024, fotografia do autor.

Esse códice reveste-se de importância porque é um bom exemplar para estudo de dois aspectos significativos na produção de manuscritos coloniais. De um lado, ele apresenta diversos tipos de tintas, sendo útil para o estudo do uso das tintas ferrogálicas em Minas Gerais. Por outro, o texto apresenta uma série de correções, sendo, portanto, um excelente material para estudo das diversas técnicas de apagamento e reescrita utilizadas no período,¹ assim como para o processo de escrita do texto final.

O propósito do trabalho, então, foi realizar os estudos para a restauração do códice e as primeiras intervenções, de modo a recuperar o suporte e permitir sua reencadernação com nova capa. Testes iniciais em diferentes tipos de tintas utilizadas no manuscrito mostraram que elas não eram solúveis em água, o que permitiria um trabalho mais ágil na recuperação do suporte através do uso da máquina obturadora de papéis (MOP).

Nesse sentido, essa monografia tem por objetivo geral realizar a intervenção de restauração no Códice AVC-16, do acervo do Arquivo Público Mineiro, denominado “Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais”, apócrifo mas de autoria atribuída de forma segura a Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos,

¹ Sobre as técnicas de apagamento e correção, ver Almada e Monteiro (2019)

sendo parte do percurso formativo em Conservação de Documentos Gráficos do Curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Como objetivos específicos, foram definidos:

- investigar de forma mais aprofundada o Códice AVC-16, do acervo do Arquivo Público Mineiro, denominado “Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais”, situando-o entre as suas outras versões conhecidas, bem como conhecer o seu autor e as condições em que ele produziu o seu estudo;
- higienizar e estabilizar o suporte em papel de modo a permitir a caracterização do códice do ponto de vista codicológico, observando a sua produção no que diz respeito aos materiais utilizados na sua confecção, notadamente o tipo e a origem do papel, as diversas tintas utilizadas no seu texto e nas suas correções, a forma de organização dos cadernos e a sua encadernação;
- realizar os estudos preliminares orientadores da sua restauração, bem como a recuperação do suporte em papel utilizando a MOP.

Para atender a tais objetivos, o trabalho está estruturado em três capítulos e uma conclusão. No primeiro capítulo, intitulado *Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos e a “Breve Descrição Geográfica, Física e Política da Capitania de Minas Gerais*, traço uma breve bibliografia do autor e recupero o caminho percorrido pelo manuscrito e suas diversas publicações impressas ao longo dos séculos XIX e XX. Com isso, procuro situar o dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos no contexto intelectual e político da época e ao mesmo tempo mostrar um pouco da circulação do conteúdo da “Breve descrição...”, seja ainda no formato manuscrito, seja nas suas divulgações impressas.

O segundo capítulo, *Descrição codicológica do Códice AVC-16 do APM*, trata, como explicita título, da tentativa de recuperar os aspectos materiais do códice. Inicia com uma análise da sua forma, procurando compreender como foram constituídos os cadernos e sua costura. Também investiga os papéis utilizados na sua produção através de informações como dimensões, gramatura e marcas d’água. Igualmente são apontadas características da escrita, seja em relação à mancha gráfica, às tintas utilizadas ou aos tipos de rasuras, apagamentos, sobrescritos e outras evidências dos usos desse objeto.

O terceiro capítulo, *Testes Preliminares e Tratamentos do Códice AVC-16 do APM*, descreve inicialmente os testes realizados no códice visando sua restauração (solubilidade das tintas, resistência do papel e medida de pH do papel). Após os testes, foi feita a restauração do suporte utilizando a máquina obturadora de papel, processo descrito ao longo do capítulo.

Na conclusão, recupero alguns aspectos principais do trabalho e aponto as perspectivas de trabalho para completa restauração do códice.

2. CAPÍTULO 1. DIOGO PEREIRA RIBEIRO DE VASCONCELOS E A “BREVE DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA, FÍSICA E POLÍTICA DA CAPITANIA DE MINAS GERAIS”

Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos nasceu em Portugal, na freguesia de Santo Ildefonso, na cidade do Porto, no ano de 1758.² Era filho do Coronel Jerônimo Pereira de Vasconcellos e de Ana Jacinta da Natividade. O seu avô materno, Major Jacinto Pereira Ribeiro, veio para as Minas Gerais em meados do século XVIII, onde se estabeleceu como comerciante e minerador na freguesia de Congonhas do Campo. Conseguindo constituir fortuna, teria liquidado a sua sociedade comercial em 1755 para voltar ao Reino. Entretanto, a notícia da morte de sua esposa fez com que resolvesse permanecer na colônia, onde contraiu segundas núpcias.

Em 1767, o neto Diogo de Vasconcelos foi enviado para viver com seu avô em Congonhas do Campo. A intenção era que o neto se empregasse no comércio, numa trajetória comum a diversas crianças e jovens portugueses que atravessavam o oceano para se iniciarem na lida mercantil. Entretanto, o jovem teria demonstrado aptidão para as letras, sendo encaminhado para os estudos preparatórios no Seminário de Mariana. Dalí teria se dirigido à metrópole para estudar na Universidade de Coimbra. Formou-se em Leis em Coimbra em 1781, voltando para as Minas Gerais em 1783. Casou-se em 1785 com D. Maria do Carmo, filha do Dr. João de Souza Barradas, natural de Minas Gerais e que também havia se formado em Coimbra.³

Uma das testemunhas do casamento foi o desembargador Tomaz Antônio Gonzaga, que teria sido seu amigo íntimo juntamente com Claudio Manuel da Costa. Suas ligações pessoais com esses e outros envolvidos na chamada Inconfidência Mineira fez com que ficasse preso por alguns dias quando da repressão ao movimento. Durante a prisão, prestou depoimentos nas devassas que se abriram em Minas Gerais e no Rio de Janeiro.⁴

² Os dados biográficos foram extraídos de Vasconcelos (1918, p. 284-293).

³ Segundo Vasconcelos (1902, p.754), o Dr. João de Souza Barradas teria sido o primeiro natural de Minas Gerais formado em direito na Universidade de Coimbra.

⁴ Autos da Devassa da Inconfidência Mineira, edição de 1936: Tomo II, p. 201-204; Tomo III, p. 394-395; *apud* Rodrigues (1979, p.182-183).

O casal teve 11 filhos. A primeira, Maria do Carmo nasceu em 1786. O segundo filho, Jeronimo seguiu carreira militar em Portugal para onde foi ainda jovem, tendo lutado ao lado dos liberais na guerra civil e recebido o título de Visconde da Ponte da Barca. O terceiro filho, Fernando, diplomou-se em ciências naturais na Holanda, tendo fundado o Jardim Botânico de Ouro Preto. O sexto filho, Bernardo Pereira de Vasconcelos, nascido em 1795, formou-se em Leis na Universidade de Coimbra e foi um importante político no período entre o Primeiro e o Segundo Reinado, com atuação decisiva no período regencial e no chamado Regresso Conservador. Chegou a senador e conselheiro do Império, tendo ocupado cargos de ministro de estado e presidente de província. O último filho, Francisco Diogo, nascido em 1812, também formou-se em Direito em São Paulo e também seguiu carreira política durante o Segundo Reinado, chegando aos cargos de presidente da província, ministro e senador.

Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos ocupou diversos cargos administrativos na capitania de Minas Gerais. Foi vereador e presidente do Senado da Câmara de Vila Rica. Em 1792, como primeiro vereador, proferiu o discurso oficial da sessão comemorativa da chegada dos restos mortais de Tiradentes a Vila Rica, onde diz:

Fui testemunha e o forão todos aquelles que me ouvem da magoa publica e da viva dôr, que o nome da sublevação infundiu em vossos corações; nome infame que feriu e ofendeu a primeira vez vossos ouvidos; crime horrendo, cujo efeito mostram no centro daquela praça os restos de um pérfido! Mas deixemos esse desgraçado servir ao exemplo da futura idade, que delle se não lembrará sem formar a idéa da sua ingratitude, de deu opróbio e supplicio (RAPM, v. 1, p.407).

Foi ainda procurador da fazenda e tesoureiro vitalício da intendência de Vila Rica. Entre os anos de 1808 e 1809 esteve envolvido no serviço de extração de diamantes do Abaeté e Indaiá, onde serviu como caixa e administrador. Em seguida, foi nomeado Juiz Criminal do Distrito de São José, no Rio de Janeiro, onde faleceu em 1812, aos 54 anos de idade.

O autor da “Breve descrição...” era, portanto, um típico membro da elite econômica, intelectual e política de Minas Gerais. Conseguindo estudar em Coimbra graças ao enriquecimento do seu avô no auge da extração aurífera na capitania, integrou uma geração que viveu as mudanças introduzidas pelo Marquês de Pombal

no reino português, notadamente na formação universitária e na preocupação com o desenvolvimento econômico da colônia americana.

O esforço de parte da elite portuguesa nesse momento era atualizar-se quanto às transformações em curso no restante da Europa. Nesse sentido, tornava-se importante uma compreensão melhor da realidade das colônias de modo que se pudesse implantar reformas tidas como necessárias à recuperação e ao engrandecimento do império. Este foi o momento em que as transformações do ensino português permitiram a disseminação dos trabalhos sobre as ciências naturais, a economia e outros. A criação de academias científicas e o estímulo à produção e edição de obras de caráter mais pragmático tentaram responder a tais anseios de mudança. Pressionado pela crise econômica crescente dada a escassez progressiva do ouro brasileiro, o estado português estimulava a produção de trabalhos que levassem a um conhecimento mais aprofundado das realidades das regiões coloniais.⁵

Descrever e conhecer a realidade brasileira passaram a ser parte das preocupações dos letrados portugueses. Inseridos em uma lógica pragmática, partia-se para o estudo da realidade colonial americana como forma de promover o crescimento econômico do reino de Portugal. Como destaca Maria Odila da Silva Dias (1968), houve uma política de incentivo e aproveitamento pela Coroa portuguesa de estudiosos estabelecidos na colônia através de uma tomada de contato com a realidade em que viviam. Nas décadas finais do século XVIII e princípios do século XIX, ainda se multiplicavam esforços que se traduziam na proliferação desses estudos, dentre os quais podemos inserir a “Breve descrição...”.

Obviamente, não estamos falando em nenhuma tomada de consciência de tipo nacionalista. Esses esforços desenvolvem-se ainda dentro de uma perspectiva colonial, e Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos é um bom exemplo disso. Seus analistas não deixam de destacar o caráter conservador das suas posturas políticas. José Honório Rodrigues o descreve como “português aliado do colonialismo lusitano” (1979, p.183). Carla Anastasia o classifica de “figura polêmica”, “realista, governista e colonialista”. Essas afirmações relacionam-se muito às polêmicas no início do período republicano envolvendo sua obra por ela não ter citado Cláudio Manuel da Costa entre

⁵ Sobre o período pombalino e suas reformas, veja-se: Maxwell (1996), Lyra (1994) e Dias (1968), dentre outros.

as “Pessoas ilustres da Capitania”. O volume I da *Revista do Arquivo Público Mineiro*, de 1896, publicou essa parte do manuscrito, e no mesmo volume trouxe o artigo “Festa do despotismo (Suplicio de Tiradentes)”, de autoria do diretor do Arquivo, José Pedro Xavier da Veiga, onde está transcrito o discurso de 1792 acima citado. No mesmo ano, Ramiz Galvão publicou um artigo sobre Cláudio Manuel da Costa na *Revista Brasileira* em que criticava essa opção de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos por excluir o poeta inconfidente (apud Rodrigues, 1979, p.184). Na sua *História Média de Minas Gerais*, publicada em 1918, o bisneto Diogo traça o perfil de seu bisavô recuperando essa polêmica e tentando justificar sua omissão. De todo modo, fica claro que a “Breve descrição...” reveste-se de propósitos pragmáticos e muito mais próximo de uma perspectiva colonialista do que qualquer despertar de sentimento nativista para além do âmbito regional em que se inscreve, as Minas Gerais.

A “Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais” tem reconhecida sua importância como relato sobre a história da Capitania de Minas Gerais e sua situação no final do período colonial. Capistrano de Abreu teria destacado para Augusto de Lima, diretor do Arquivo Público Mineiro e editor da sua revista, a “conveniência” de se reproduzir “esse importante trabalho” (RAPM, 1901, p. 359). José Honório Rodrigues afirmou ser a obra “uma fonte primordial da história de Minas Gerais e das três comentadas a mais completa, embora o estudo da história de Minas não dispense os ensaios de Cláudio Manuel da Costa e de José Joaquim da Rocha” (1979, p.184).

Ela foi publicada pela primeira vez na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB), em 1866, com o título de “Descobrimento de Minas Gerais”, sem atribuição de autoria.⁶ Iniciava-se diretamente com o conteúdo, sem nenhum componente pre-textual. Era dividida em duas partes, a primeira com dois capítulos e a segunda com onze. Na primeira parte, o capítulo I tratava do “Descobrimento das Geraes” e o capítulo II abordava a cidade de Mariana, as treze vilas e os arraiais mais importantes. A segunda parte trazia uma “descrição política” (inclusive da câmara e comarca de Vila Rica e da cidade de Mariana), uma descrição da diocese de Mariana, das três outras comarcas existentes (Rio das Velhas, Serro Frio e Rio das Mortes) e

⁶ Descobrimento de Minas Gerais. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 29, p.5-114, 1866.

aspectos diversos como agricultura, manufaturas, comércio, navegação, forças militares, indígenas, habitantes e costumes. Não há referências à fonte manuscrita da publicação da RIHGB, mas presumo que foram os manuscritos guardados na BNRJ. Segundo Anastasia (1994, p. 11), há dois exemplares na Seção de Manuscritos: o códice I-1-4, que pertenceu a D. Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana; e o códice I-3-1 nº. 3.

A segunda publicação apareceu nas páginas da *Revista do Arquivo Público Mineiro* (RAPM).⁷ No fascículo III do primeiro volume da RAPM, o diretor do arquivo e editor da revista, José Pedro Xavier da Veiga, publicou o capítulo 12 da segunda parte, que ainda permanecia inédito. Esse capítulo trata das “pessoas ilustres da Capitania”, e Xavier da Veiga fez questão de destacar em nota final o fato de Cláudio Manuel da Costa não aparecer na relação.⁸ Além disso, Xavier da Veiga data de 1807 o trabalho de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos. No ano de 1901, a RAPM publicou o restante do manuscrito, agora com o título de “Breve descrição geographica, physica e política da Capitania de Minas Geraes” e com a autoria explícita de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos.⁹ Essa versão era seguida pela publicação de outro trabalho do autor, denominado “Minas e quintos do ouro”.¹⁰ Ambos eram precedidos por um estudo geral denominado “Memórias sobre a Capitania de Minas Geraes”, redigido por Augusto de Lima, o novo diretor do APM e editor da RAPM. Nesse estudo, Augusto de Lima, além de estabelecer a autoria do manuscrito e datá-lo em 1906, também esclarece que a parte inédita foi retirada do “original pertencente ao Archivo Publico Mineiro”.¹¹ Portanto, a publicação da RAPM transcreve do manuscrito original do APM:

⁷ Parte inédita da monographia do Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos sobre a Capitania de Minas-Geraes, escripta no primeiro decênio do presente século. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, v. 1, fasc. 3, p. 443-452, 1901

⁸ RAPM (1901, p. 452). Xavier da Veiga já havia publicado no fascículo anterior da revista um estudo sobre Cláudio Manoel da Costa em que realçava a “iniquidade injustificável de tal omissão” (RAPM, 1896, p.390).

⁹ Breve descrição geographica, physica e política da capitania de Minas Geraes. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, v. 6, fasc. 3, p. 761-965, 1901.

¹⁰ Minas e quintos do ouro. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, v. 6, fasc. 3, p. 855-965, 1901. Esse trabalho já havia sido publicado por Capistrano de Abreu no *Diário Oficial* do Rio de Janeiro em 1892 (apud RAPM, 1901, p. 759).

¹¹ Memorias sobre a Capitania de Minas Geraes. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, v. 6, fasc. 3, p. 757-760, 1901. Na publicação da “Breve descrição...”, a dedicatória aparece assinada com as iniciais D.P.R.V.. Em nota, Augusto de Lima destaca que havia uma variante no manuscrito, onde a assinatura era “F.R.R.Valerio”; essa é exatamente a correção que aparece no manuscrito que vimos trabalhando, o que nos permite dizer que é o mesmo exemplar sobre o qual foi feita a publicação de 1901.

o elogio preliminar ao governador da capitania, Pedro Maria Xavier de Ataíde e Melo; e a “Descrição geographica phisica”, composta de uma parte com apenas um capítulo. O restante foi transcrito da RIHGB, como declara a nota que abre a parte do “Descobrimento de Minas Geraes” (RAPM, 1901, p. 779). Deve-se destacar que o Artigo 3º da parte da “Decripção geographica phisica”, denominado “Natureza mineral. Descobrimento das Geraes”, também foi transcrito da RIHGB, e, portanto, vinha deslocado de onde ele se encontra no manuscrito original.

A terceira publicação foi feita pela Fundação João Pinheiro, órgão do Estado de Minas Gerais que edita uma Coleção Mineiriana onde são publicados, dentre outros, documentos importantes sobre a história do Estado. A transcrição foi feita por Carla Maria Junho Anastasia e Marcelo Cândido da Silva. Foi utilizado o códice I-1-4, que pertenceu a D. Silvério Gomes Pimenta, mas foi feita a comparação com o códice I-3-1 nº. 3. Segundo Anastasia (1994, p.11), esse segundo códice não contém o elogio preliminar ao governador da capitania nem o capítulo 12 (“pessoas ilustres da capitania”) nem o aditamento “compreendendo vários ofícios e termos relativos à nova extração de Abaeté ou Lorena com algumas notas úteis”.¹² Portanto, pode-se supor que a publicação da RIHGB baseou-se no códice I-3-1 nº. 3, daí as suas omissões.

A versão da Coleção Mineiriana da Fundação João Pinheiro, tendo sido produzida a partir das versões manuscritas depositadas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, parece ser a mais completa. Não tive acesso a esses códices da BNRJ nem foi ainda possível cotejar integralmente o códice do APM com a publicação da Fundação João Pinheiro. Entretanto, uma primeira análise acompanhando de modo aproximado os tópicos de cada um deles parece apontar para uma semelhança bastante grande entre ambos, exceto pela ausência do aditamento sobre a real extração de diamantes do Abaeté.

O estudo crítico que acompanha a publicação de 1994 afirma que o manuscrito do APM se encontrava desaparecido. Aparentemente, o Códice AVC-16 é esse manuscrito desaparecido, inclusive pela sua semelhança com as transcrições publicadas na RAPM. Por outro lado, ele é uma cópia de trabalho com diversos

¹² Portanto, provavelmente o manuscrito utilizado para a publicação na RIHGB foi o códice I-3-1 nº. 3. Deve-se ainda destacar que a RAPM publicou em 1904 um número relativamente extenso de documentos sobre a “administração dos diamantes do Abaeté”; veja-se RAPM, v. 9, fasc. 1, p. 379-406.

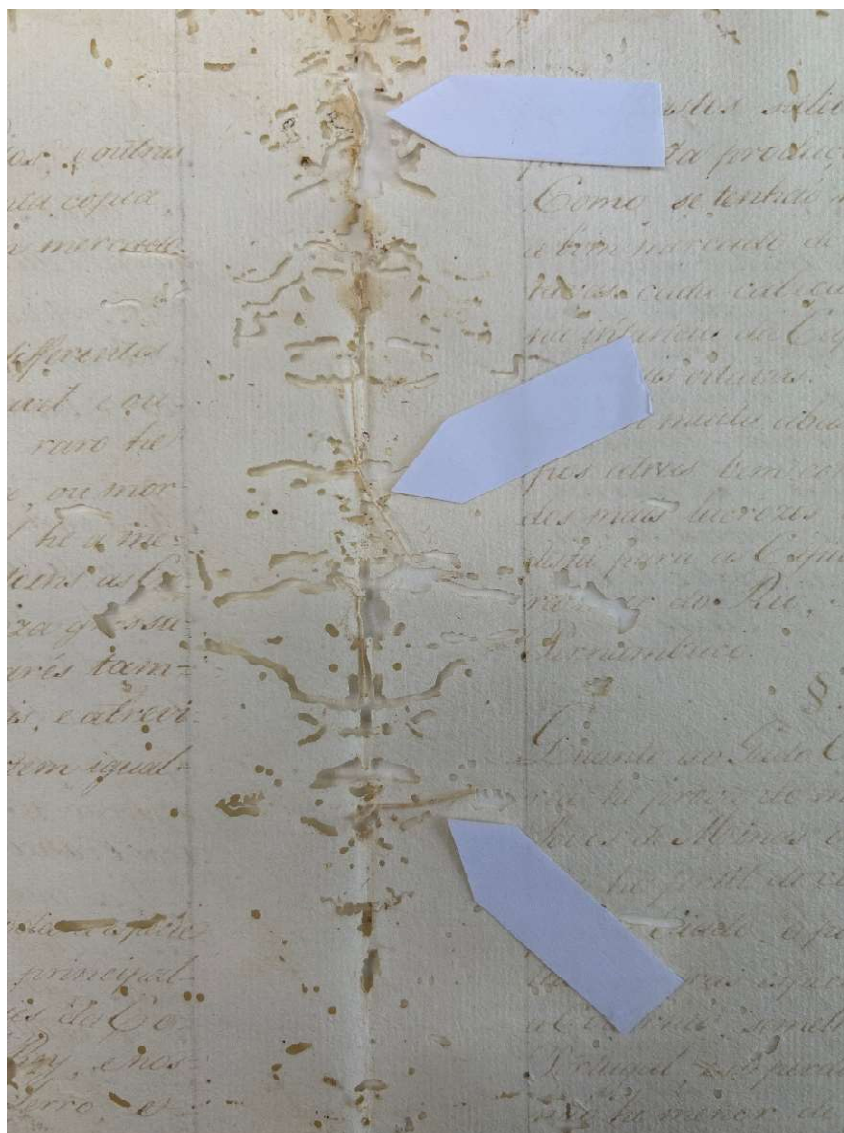
apagamentos, rasuras, correções e acréscimos. Portanto, sem dúvida alguma a sua comparação mais detalhada com os dois códices da BNRJ abrirá uma importante janela para compreender não apenas o trabalho do autor com seu texto como também a circulação de obras manuscritas nas Minas Gerais do século XIX. Investir na sua restauração para colocá-lo em condições seguras de consulta é uma contribuição importante à historiografia e ao patrimônio cultural escrito de Minas Gerais.

3. CAPÍTULO 2. DESCRIÇÃO CODICOLÓGICA DO CÓDICE AVC-16 DO APM.

Nesse capítulo, apresento a descrição codicológica do códice AVC-16, etapa fundamental para orientar o seu restauro. Conforme dito na Introdução, ele era um códice in 4º com 14,5 cm de largura e 20,5 cm de altura, e sua espessura variava de 3,0 cm na lombada até 2,2 cm no corte. Estava acondicionado no APM em uma caixa rígida confeccionada especificamente para suas dimensões. Embora estivesse em boas condições de limpeza e acondicionamento, as suas condições de preservação não eram boas. Ele perdera sua encadernação, havendo apenas alguns fios da antiga costura (Figura 6) e os restos de um material impresso que muito provavelmente compunham a pasta da sua cobertura posterior.

Ele havia sofrido expressivos ataques de insetos bibliófagos que haviam destruído boa parte dos fundos dos cadernos, sobretudo nos seus terços inicial e final. Também continha sujidade decorrente desses ataques de insetos, manchas de maré provocadas pela ação da água e marcas de uso, sobretudo nas bordas inferiores à direita da posição do leitor, denotando evidências da prática de leitura com uso das pontas dos dedos umedecidos. Não havia traços de contaminação por microorganismos, e o ataque de insetos fora claramente controlado por práticas de conservação preventiva, infelizmente adotadas em um momento tardio. Não havia indícios de inseticidas organoclorados.

Figura 6. Exemplos de fios da antiga costura da encadernação, em locais intensamente atacados por insetos xilófagos.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 04/12/2024, fotografia do autor.

No primeiro momento de acesso ao códice, ainda no Núcleo de Conservação de Documentos do APM, foi possível fazer testes preliminares para verificar a sensibilidade à água dos seus diversos tipos de tinta. A constatação de que as tintas não eram solúveis em água levaram à decisão de propor a reconstituição do suporte do códice utilizando meios mecânicos através da máquina obturadora de papéis (MOP). Isso foi essencial para definir o trabalho porque todos os fólhos estavam afetados pelos ataques de insetos, e o uso de métodos mais artesanais inviabilizaria a execução do restauro no âmbito de um trabalho de conclusão de curso.

Com a chegada do códice nas dependências do Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos e Fílmicos (LaGrafi) da Escola de Belas Artes da UFMG, a primeira ação foi fazer a numeração dos fólhos. Originalmente, os 142 fólhos não foram numeradas no momento da sua escrita. Uma melhor observação do códice permitiu verificar que havia várias numerações acrescentadas posteriormente com grafite:

- 1) A primeira folha tinha o número 1 no canto superior direito;
- 2) Da segunda à quarta folha reiniciava-se uma numeração no canto superior da margem direita, dos números 1 a 3;
4. Da quinta à sétima folha não havia numeração;
5. Da oitava folha à 134^a iniciava-se outra numeração, agora no canto inferior da margem direita.

A reenumeração completa do códice foi feita em grafite 6B no canto inferior direito, embora às vezes o algarismo tinha que ser deslocado para o interior da página devido à perda do suporte. Essa etapa foi fundamental para orientar os passos seguintes do trabalho. A Figura 7 apresenta um exemplo da nova numeração (51) ao lado da numeração anterior (42).

Viginti Porto
Descrição Política
Cap. 1.
Correio Anno de 1774, D. Brás Balthazar da
Silveira, que então governava as duas Capitães
de S. Paulo, e de Minas,
Mora D. Brás Balthazar da Sil-
veira o Governador de S. Paulo e Minas,
que ao S. de Abril de 1774, fez dividir a Ca-
pitania em Comarcas, presentes os Pro-
curadores de todas as Villas com o Correi-
ro Mor, Engenheiro, Padre Gomes Chaves,
e o C. q. i. Mor. Padre Francisco de S. Vi-
ta. Estabeleceram-se pois quatro Comar-
cas, a do Villa Rica do Cerc. Preto, a do
Villa Real da Subara, ou do Rio das
Vilhas, a do Ferro velho, e a do Rio das
Flores. Os seus limites. O
Ribeirão que nasce da Serra de Morro
a fazer barra no de S. Francisco, entre-
da do Mato Dentro, e a Serra da Taba-
rã, formam os assignaes entre as duas

Fonte: APM, Códice AVC-16, 30/10/2024, fotografia do autor.

O segundo passo foi o registro fotográfico de parte significativa do códice ainda na sua encadernação original. Esse trabalho foi realizado no Laboratório de Documentação Científica por Imagem (iLAB) utilizando a plataforma de produção de imagem em luz visível para registro de bens culturais. Com o códice aberto, foram feitos registro de duas páginas por imagem, correspondentes ao verso de um fólio e o recto do fólio seguinte. Foram produzidas 65 imagens, correspondendo a 90% do

códice. Isso foi possível graças à agilidade permitida pela plataforma montada pelo iLAB.¹³

Em seguida, iniciou-se o trabalho de desmontagem e mapeamento do códice, com o entrefolhamento dos bifólios com papel alcalino. Logo foi possível constatar que a encadernação atual do códice já era uma reencadernação. O fólio 38, que originalmente se encontrava no caderno 7, pertencia ao caderno 1 já que continha a parte final do sumário da obra. Foi feita uma leitura rápida do final e início de cada fólio para perceber outras falhas desse tipo, mas não foram encontradas. Foram identificados inicialmente 21 cadernos com conjuntos diferentes de bifólios. Entretanto, a análise posterior das marcas d'água revelou que um dos cadernos que parecia ser composto por um bifólio na verdade provinha de dois tipos diferentes de papéis. Portanto, ele teria que ser dividido, o que elevou o número para 22 cadernos, conforme o Quadro 1. A variação de tamanho dos cadernos e o fato de muitos deles não obedecerem ao esquema tradicional de dobra do in-folio, de modo a produzir quantidades exponenciais de fólios a cada dobradura, já apontou para a necessidade de investigar com cuidado a forma como se produziu o códice, inclusive quanto aos papéis que o compunha.

Quadro 1. Mapeamento do Códice AVC-16 conforme o número de bi-fólios por caderno.

Número de bi-fólios por caderno	Quantidade de cadernos
1	3
3	6
4	12
5	1
Total	22

Fonte: elaboração própria.

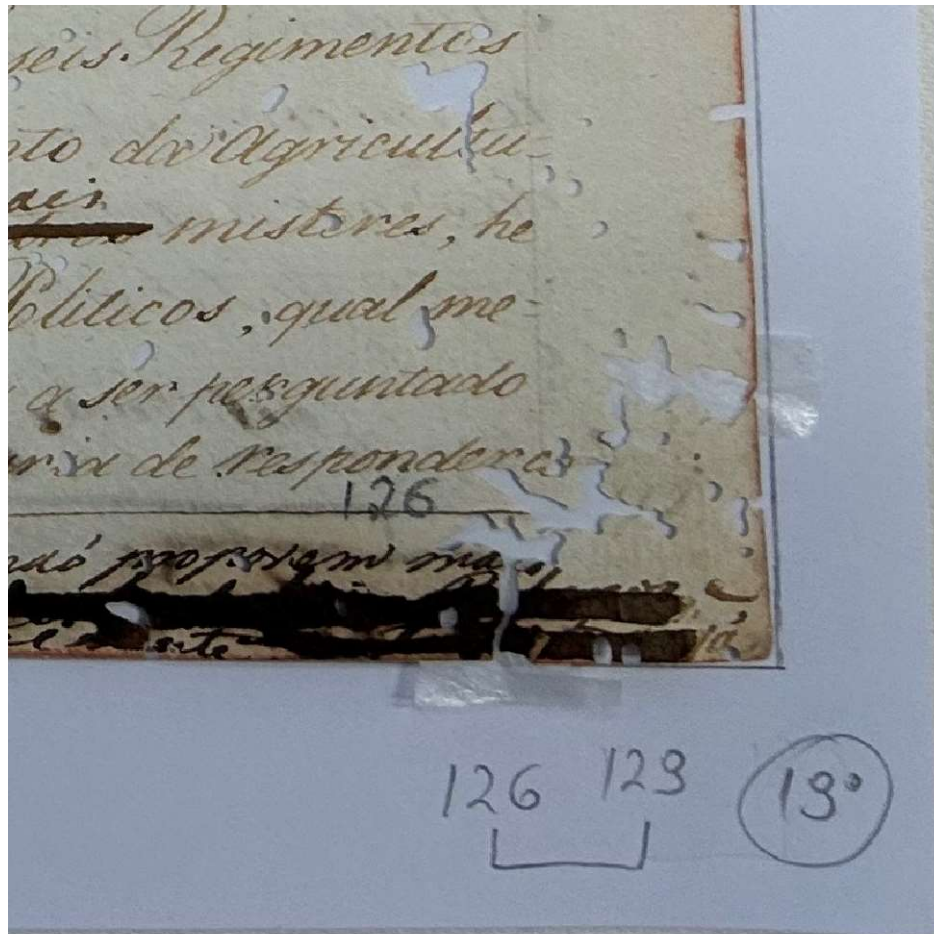
Após a desmontagem do códice e seu mapeamento, foi feita a limpeza a seco utilizando o pincel sobre toda a página e o bisturi (com lâmina cegada) sobre as áreas

¹³ Mais informações sobre o iLAB e suas ferramentas de registro de imagens, veja-se: <https://ilab.eba.ufmg.br/>, acesso em 15/01/2025.

em que ainda havia resíduos de dejetos de insetos xilófagos. Também foi necessário fazer a retirada dos resíduos de cola da antiga encadernação. Isso foi feito primeiramente com o bisturi, que não conseguiu uma boa remoção. Em seguida, foi utilizada a metilcelulose sobre o papel, deixando em repouso até conseguir o amolecimento e a consequente remoção mecânica da cola residual. Ao mesmo tempo, foi necessário utilizar de pontes de papel japonês para unir áreas do papel muito danificadas a fim de evitar o desprendimento das partes. Foi utilizado o papel japonês de 6 g/m² pré-encolado com hidroxipropilcelulose (Klucel ©) reativado com álcool etílico a 70% (Figura 8).

O uso de pontes foi a solução encontrada para outro problema apresentado pelo manuscrito. Muitos bifólios estavam totalmente separados devido à perda da área nas suas dobras de encadernação. Para fazer a obturação mecânica, foi necessário uni-los, mas considerando-se os distintos tamanhos dados pela posição no caderno. Assim, utilizando uma mesa de luz, posicionou-se um bifólio ainda íntegro e, acima dele, posicionou-se um determinado bifólio separado. Fazendo coincidir suas bordas, foi colocada uma ponte em um ou mais pontos para poder fazer a adesão provisória recuperando o que seria mais próximo do seu tamanho original. Esse procedimento foi feito com um bifólio de fundo de caderno servindo de guia para todos os bifólios de fundo separados. Em seguida, foram utilizados outros bifólios de mesma posição nos cadernos, de modo a conseguir a fixação de todos os bifólios até então separados.

Figura 8. Exemplo de ponte com papel japonês preencolado.

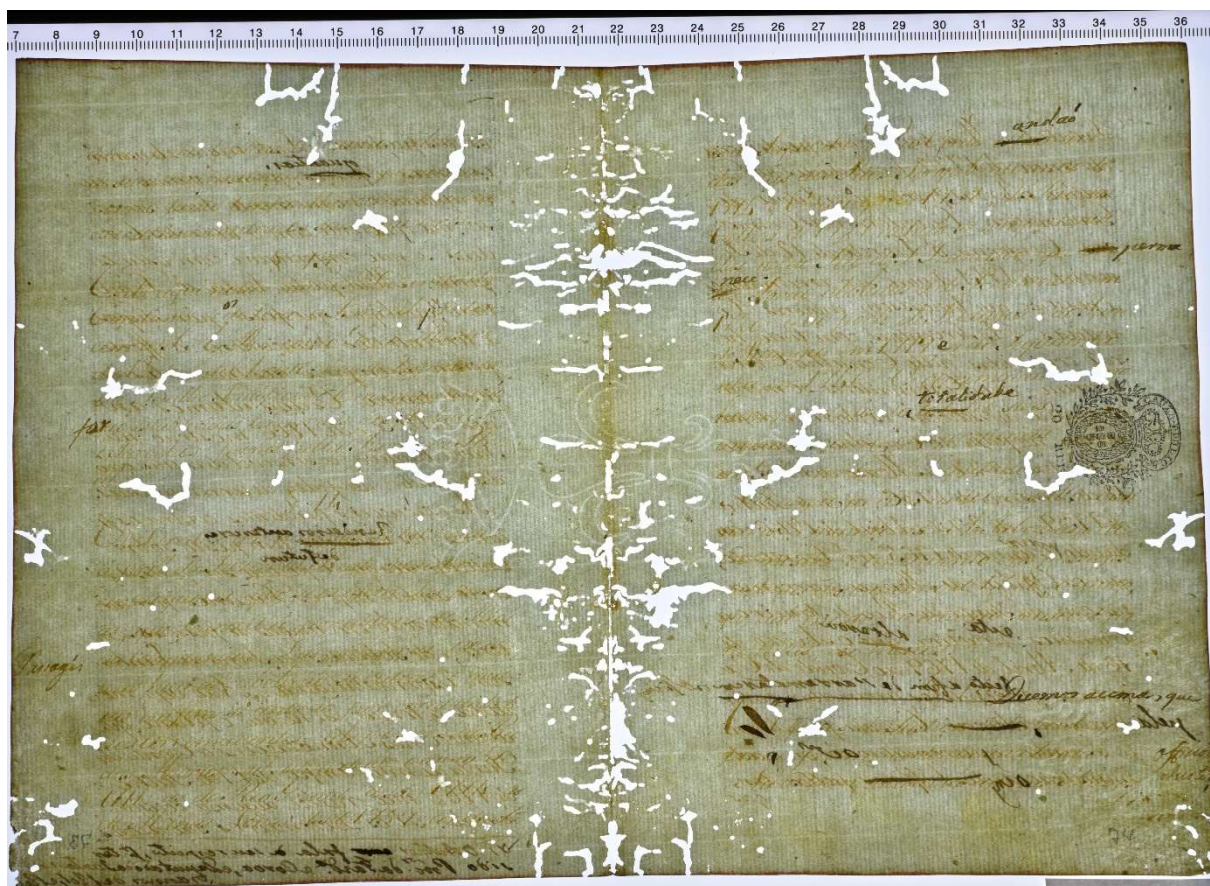


Fonte: APM, Códice AVC-16, 06/01/2025, fotografia do autor.

Terminada a limpeza, foi feita a medição dos bifólios. Considerando cada folio separadamente divididos pela dobra, os cortes superiores e os inferiores apresentaram medidas que variaram entre 145 mm e 150 mm, tanto do lado esquerdo quanto do lado direito. Entretanto, em um mesmo fólio sempre havia uma diferença entre ambas as medidas entre 1 e 3 mm, com o corte superior sempre maior que o inferior. Quanto aos cortes laterais, as medidas raramente variavam quando se comparava o folio da esquerda com o da direita. Entretanto, nos primeiros cadernos essa medida ficou entre 206 mm e 207 mm, enquanto o último caderno apresentou medidas entre 209 e 208 mm. Na dobra, a medida sempre esteve em 200 mm, havendo, portanto, um estreitamento do bifólio ao centro. Essas variações do esquadreamento do bifólio são exemplificadas na Figura 9, onde a região da dobra

tem largura inferior às áreas dos cortes laterais e a largura total do corte superior é menor que a do corte inferior.

Figura 9. Exemplo de variações nos tamanhos dos cortes do bifólio.

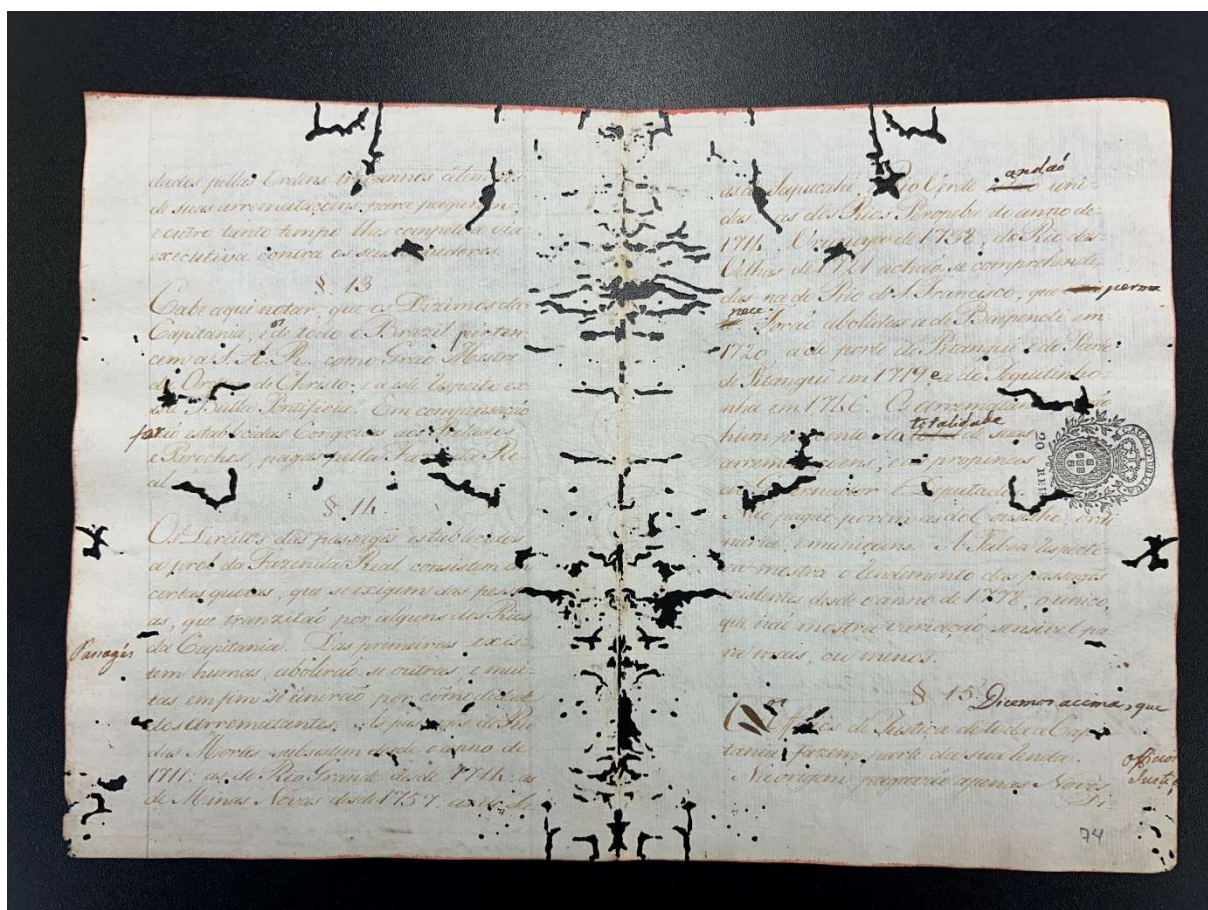


Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

Junto com a medição dos bifólios foi feita a medição da mancha gráfica. Estou considerando como mancha gráfica a área no interior do campo delimitado por margens superiores, inferiores e laterais. As medidas foram tomadas em bifólios íntegros para evitar distorções. Na maior parte dos fólios, essa delimitação foi marcada com grafite. As margens que não foram delimitadas por grafite estavam bem definidas, eram visíveis no verso e o escriba obedeceu-as. As manchas gráficas apresentaram dimensões levemente variadas e também um número variável de linhas. O primeiro exemplo pode ser visto na mancha gráfica do bifólio 73-74 (Figura 10). A página 73 v tem uma mancha gráfica de 120 mm na largura, enquanto na altura ela varia de 173 mm à esquerda para 175 mm à direita, com um total de 25 linhas que apresentam

uma altura média de 6,9 mm cada uma. A página 74 r apresenta uma mancha gráfica também com 120 mm na largura, enquanto na altura ela varia de 165 mm à esquerda para 167 mm à direita, com um total de 23 linhas que apresentam uma altura média de 7,3 mm cada.

Figura 10. Exemplo 1: delimitação de mancha gráfica do bifólio 73-74.

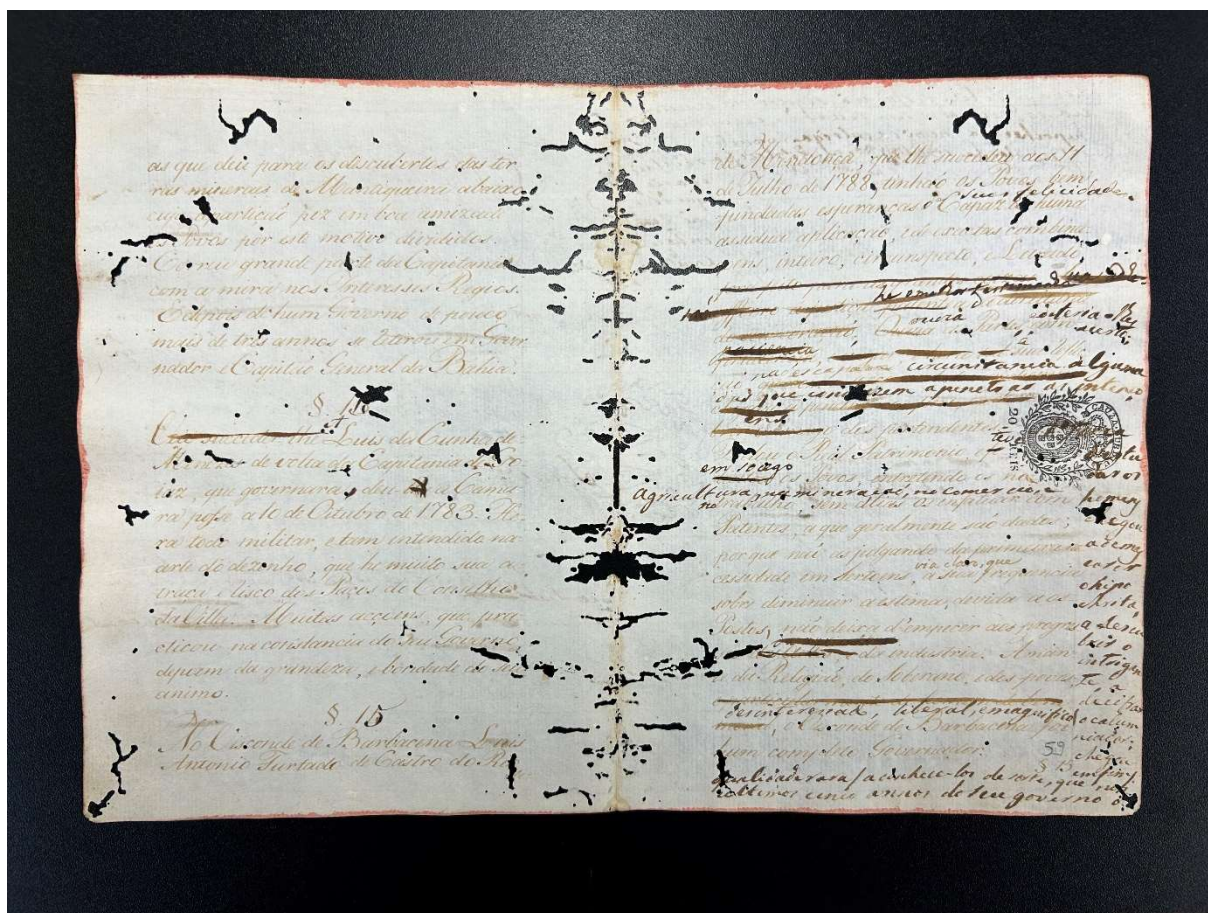


Fonte: APM, Códice AVC-16, 14/01/2025, fotografia do autor.

O segundo exemplo é a mancha gráfica do bifólio 58-59 (Figura 11). A página 58 v tem uma mancha gráfica de 100 mm na largura, enquanto na altura ela mede 172 mm tanto à esquerda quanto à direita, com um total de 24 linhas que apresentam uma altura média de 7,2 mm cada. A página 59 r apresenta uma mancha gráfica com 110 mm na largura, enquanto na altura ela varia de 170 mm à esquerda para 172 mm à direita, com um total de 24 linhas que apresentam uma altura média de 7,2 mm. Mas esse bifólio é interessante por já apresentar a principal característica do códice: as

diversas correções que extrapolam a mancha gráfica e que também ocupam as entrelinhas.

Figura 11. Exemplo 2: delimitação de mancha gráfica do bifólio 58-59.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 14/01/2025, fotografia do autor.

A etapa seguinte foi a produção de imagens com luz visível reversa, utilizando a mesa de luz na plataforma de produção de imagens do iLAB. Com a luz reversa é possível visualizar elementos importantes para a identificação do papel e que foram fundamentais para compreender a forma como os cadernos do códice foram montados.

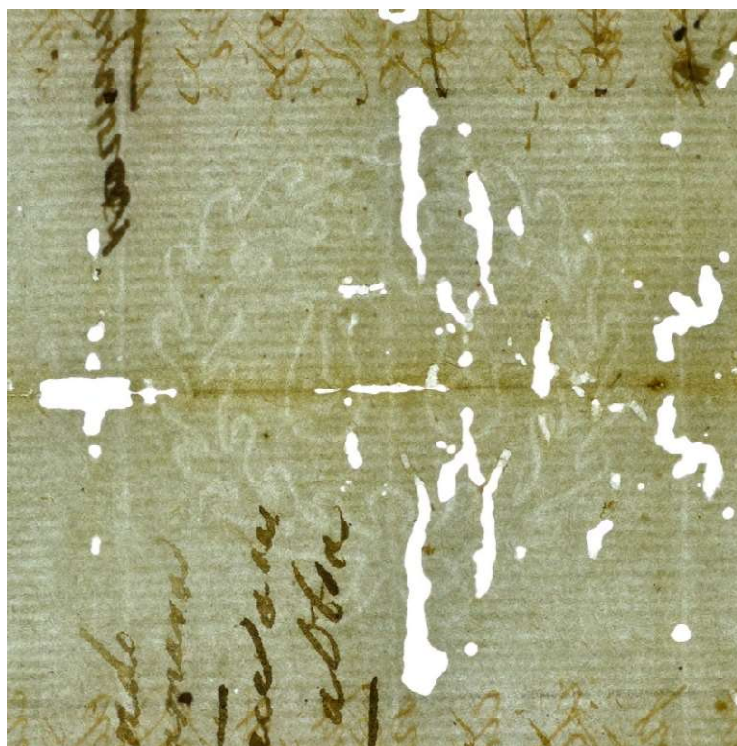
O uso das imagens com luz visível reversa permitiu identificar duas marcas d'água e uma contramarca de canto. A primeira marca d'água traz uma flor-de-lis encimada por uma coroa (Figura 12), a segunda marca d'água traz uma balança envolta por dois ramos de folhagem (Figura 13) e a contramarca de canto traz uma balança semelhante à da segunda marca d'água (Figura 14). Portanto, ao que parece trata-se de in-fólios de um único fabricante com uma marca d'água principal, uma marca d'água secundária e a contramarca de canto. A contramarca de canto acompanha a marca d'água da flor-de-lis, à exceção de um bifólio em que ela acompanha a marca-d'água da balança. Nenhuma das contramarcas traz qualquer indicação do fabricante ou da data de fabricação do papel. Minha conclusão é que a flor-de-lis é a marca d'água principal e a balança é a marca d'água secundária.

Figura 12. Marca d'água com flor-de-lis e coroa.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

Figura 13. Marca d'água com balança e folhagem.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

Figura 14. Contramarca de canto com balança.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

Com a visualização e registro das marcas d'água, foi possível compreender a forma como os cadernos foram montados. A percepção inicial era de que foi um código construído a partir de folhas disponíveis ao autor, um burocrata do império português. Isso explica o uso de papéis com o selo fiscal de 20 réis, utilizado normalmente para a produção de documentos oficiais que deveriam pagar o tributo, como requerimentos, cartas, registros e outros (Figura 15). Como era uma obra pessoal, e esse exemplar especificamente era um rascunho de trabalho, a presença do selo só se justificaria pelo fato do utilizador não ter pagado por ele. A presença do selo foi um complemento importante para conseguir resgatar o formato dos in-folios que foram dobrados para formar os cadernos, como explicarei adiante.

Figura 15. Selo fiscal de 20 réis com as armas do Reino de Portugal.



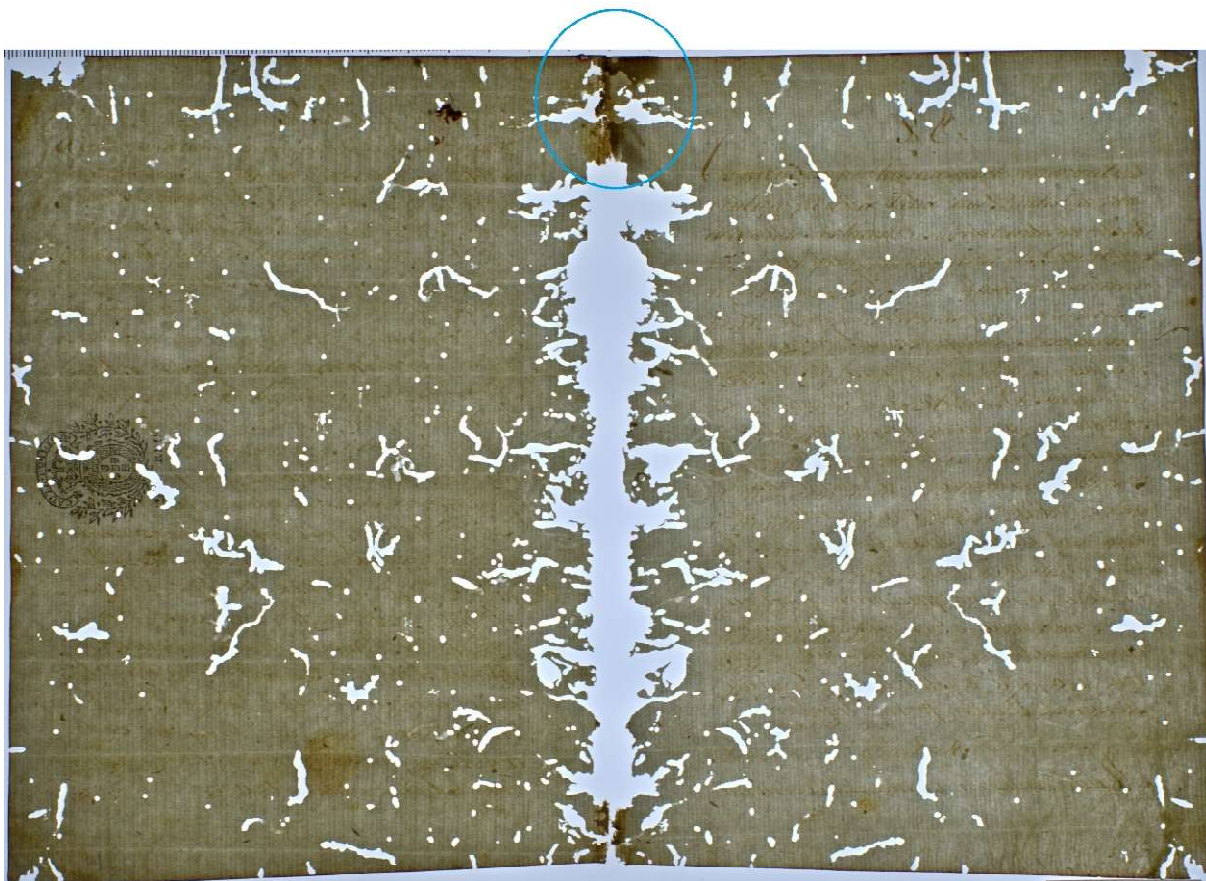
Fonte: APM, Código AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

Conforme assinalado acima, o código é composto de cadernos com um, dois, três, quatro e cinco bifólios. Os cadernos de quatro bifólios são os de mais fácil compreensão da maneira como foram confeccionados. De modo geral, foram utilizados dois folios dobrados duas vezes originando os quatro bifólios. É interessante notar que o selo fiscal aparece em duas faces do infólio, dando a entender que a cobrança acontecia por fólio (que no caso desse código virava um bifólio após a dobradura).

Os cadernos que classifiquei como um bifólio na verdade eram compostos por um único fólio, resultado de um bifólio cortado ao meio. Em um caso, com os fólios 14 e 15, ele foi inicialmente percebido como um bifólio mas a visualização de marcas d'água diferentes permitiu estabelecer que eram distintos, aderidos por uma pequena

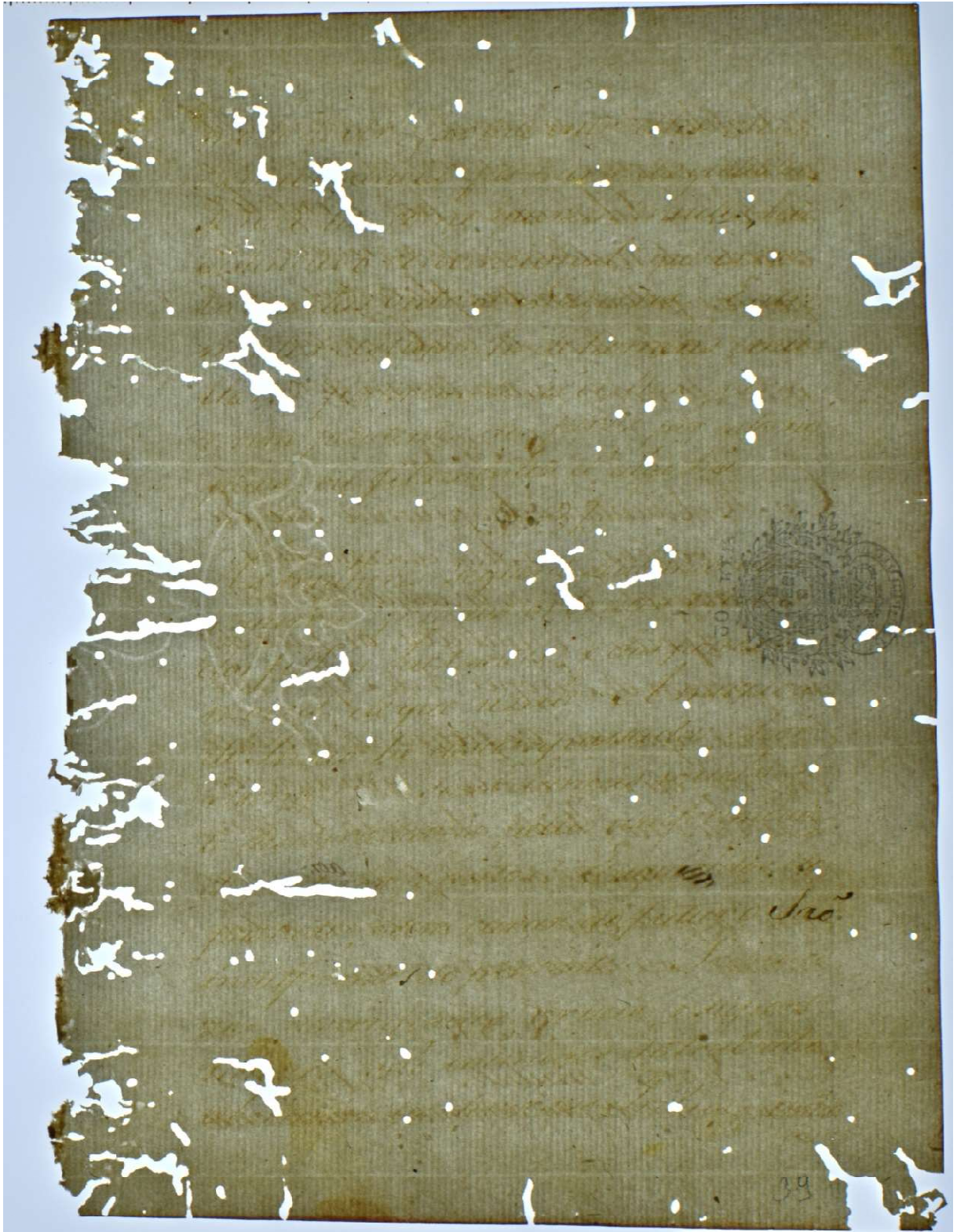
área na parte superior dos fólhos (Figura 16). O outro caso era o fólho 39, que na encadernação estava unido por adesivo ao fólho 38 mas a leitura do conteúdo permitiu perceber que esse último pertencia ao primeiro caderno do códice, unido ao fólho 2. (Figuras 17 e 18).

Figura 16. Fólhos 14 e 15 ainda unidos como bifólho.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

Figura 17. Folio 39 já separado.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

Figura 18. Folios 2 e 38 reunidos.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

Os casos dos cadernos com três bifólios eram combinações entre um fólio originalmente inteiro e outro cortado pela metade. Dobrado o primeiro duas vezes e o segundo uma única vez, o resultado era o caderno com três bifólios. De modo semelhante ocorreu com o caderno de cinco bifólios, com uma combinação de dobras de fólhos inteiros e fólhos cortados pela metade, todos posteriormente dobrados e cortados.

Essa configuração geral dos cadernos que compõem o códice parece mostrar como ele foi construído *ad hoc*. Não parece ter sido um códice adquirido pronto (até por suas dimensões modestas de 15 x 20 cm), mas construído a partir da necessidade de quem o escreveu. A própria presença de três fólhos isolados, que parecem ter sido colados a partir de uma pequena dobra lembrando uma carcela, reforça essa hipótese. Também o uso de papel selado, destacado anteriormente, leva a se pensar em um reaproveitamento de material ao alcance do escriba.

Por outro lado, ele parece ter sido escrito em diversos momentos. Em um primeiro momento, ele foi copiado de algum rascunho anterior (porque o texto é corrido, bastante homogêneo e bem dividido entre partes) com uma escrita principal bem elaborada (contida na mancha gráfica delimitada pelos traços de grafite). Em seguida, ele foi alvo de diversos apagamentos, correções e acréscimos, para uma posterior cópia. O texto principal apresenta algumas variações na tinta, embora sempre na tonalidade sépia. Os acréscimos apresentam uma tinta mais escura, indo do sépia escuro ao preto.¹⁴

O teste da solubilidade das tintas é fundamental para indicar ou não o uso da MOP. No caso dos bifólios objeto desse trabalho, havia três tintas identificadas: a tinta ferrogálica do manuscrito, a tinta vermelha presente na área de corte dos bifólios e a tinta do selo fiscal. O uso das tintas ferrogálicas demanda atenção dada sua ação negativa sobre o papel, e a principal degradação passa pela acidificação dos locais em que a tinta é depositada.¹⁵ A tinta ferrogálica foi classificada em quatro diferentes graus: preto (amostra A), sépia escuro (amostra B), sépia médio (amostra D) e sépia claro (amostra C). Amostras dessas tintas foram submetidas a teste com água deionizada com pH 7 por 10 minutos (Quadro 2; Figuras 19 e 20). A única reação apareceu na amostra D, que apresentou leve transferência para o papel mata-borrão após 8 minutos de teste. Como a imersão em água durante o uso da MOP dura entre três e quatro minutos, ficou evidente que não havia riscos maiores no uso dessa técnica de reconstituição de suporte.

Quadro 2. Teste de solubilidade da tinta à água.

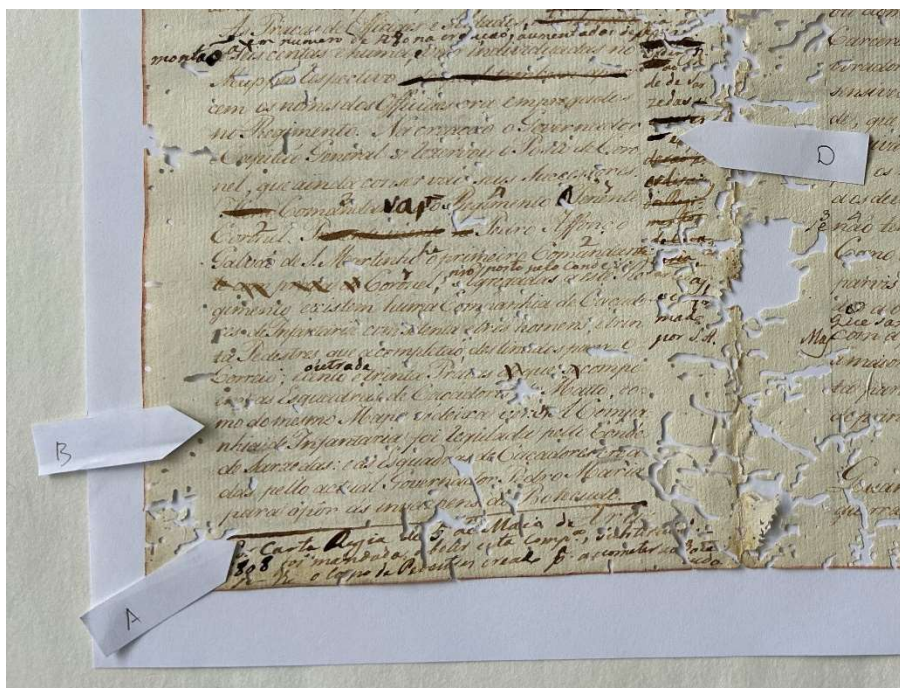
Locais	Amostra A	Amostra B	Amostra C	Amostra D	Amostra E (selo)
Fólio 13			NR		NR
Fólio 125 v	NR	NR		R 8'	

Fonte: elaboração própria.

¹⁴ Estas tonalidades diferentes da tinta observadas atualmente são resultado de processos diferenciados de degradação, provavelmente pelo uso de receitas distintas na fabricação da tinta

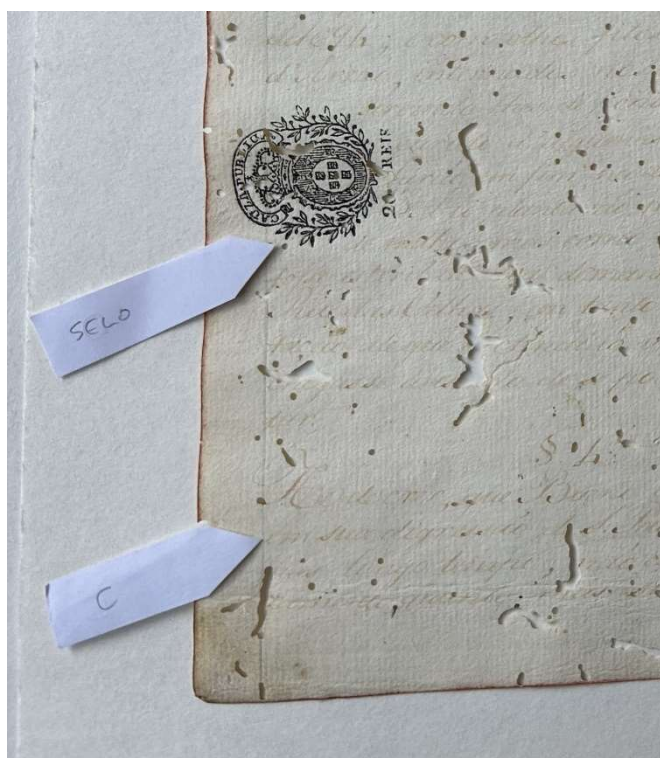
¹⁵ Sobre a tinta ferrogálica e seu tratamento, ver Henies et. al. (2008), Orlandini (2009), Hahn (2010), Gonçalves (2013) e Odor Chávez (2013), dentre outros.

Figura 19. Teste de solubilidade da tinta, amostras A, B e D.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

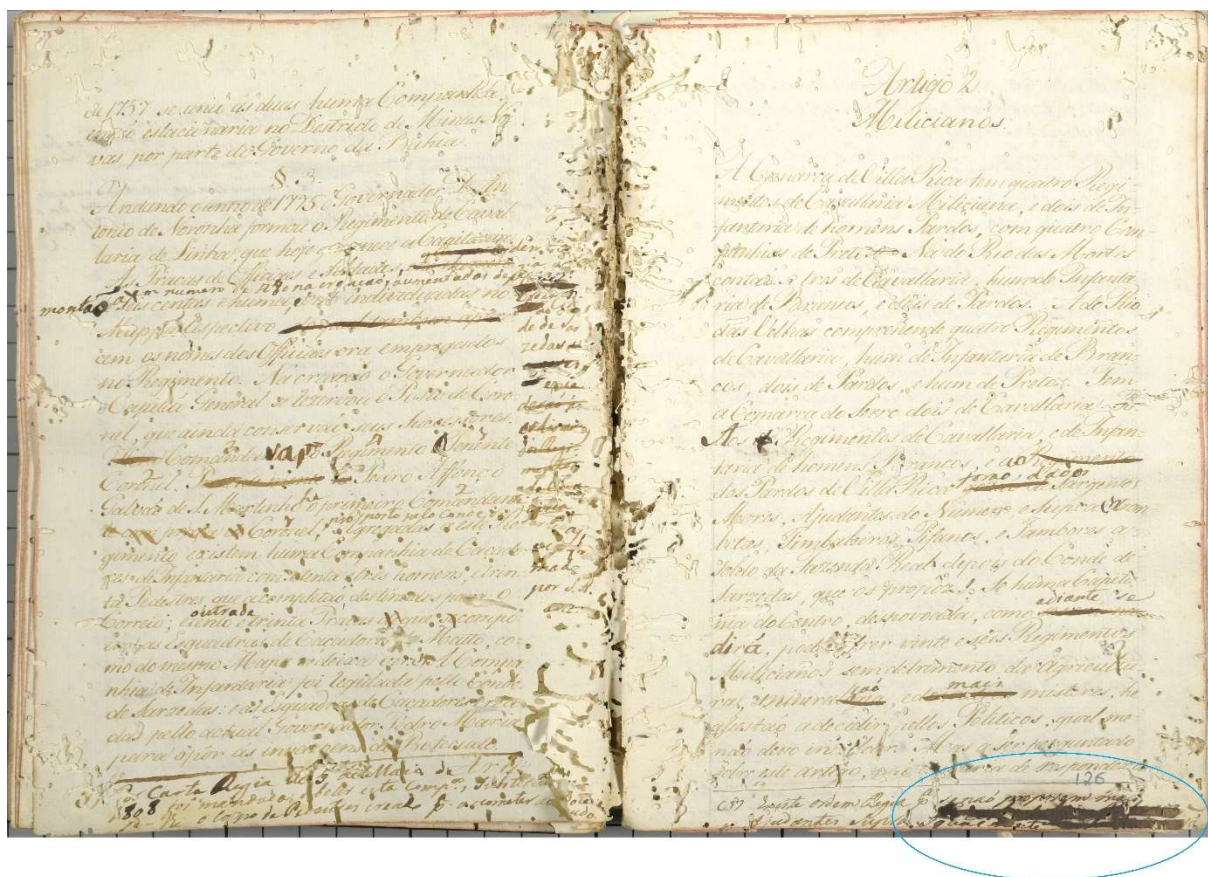
Figura 20. Teste de solubilidade da tinta, amostras C e selo fiscal.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

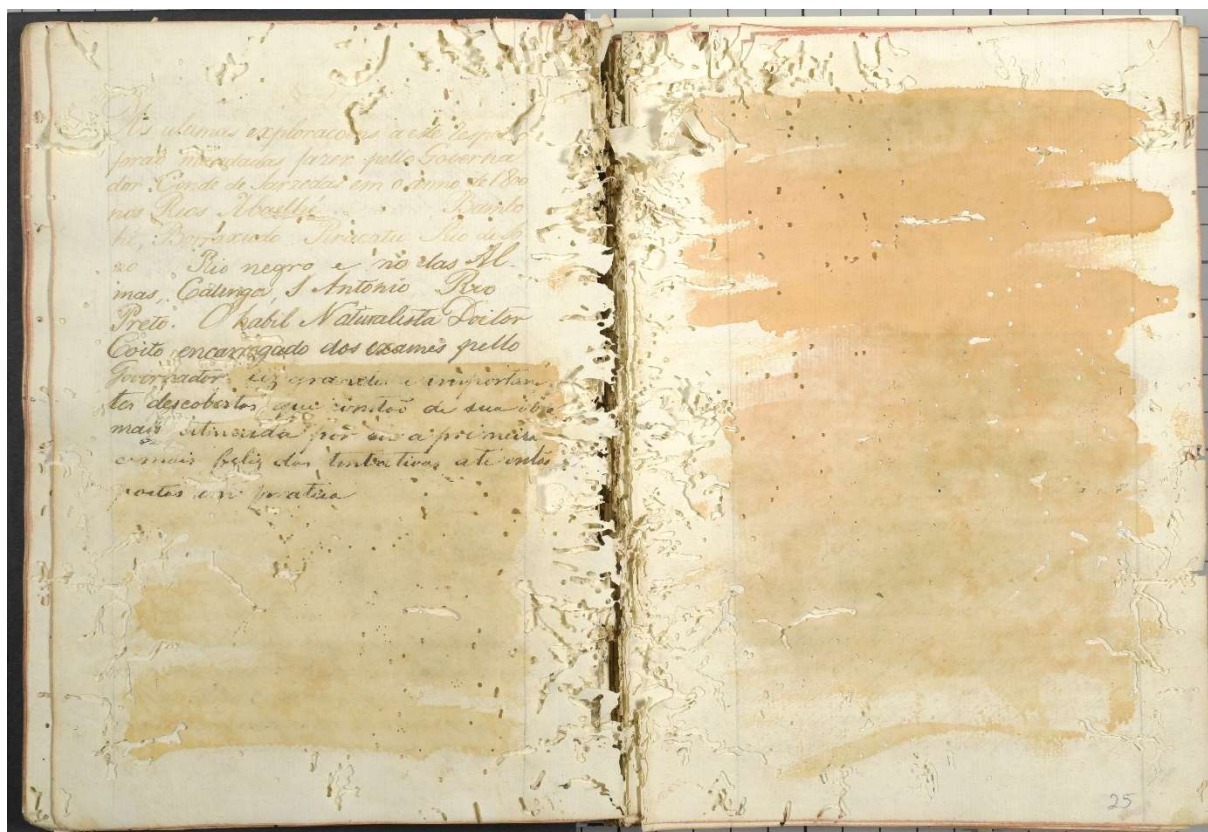
A variedade de tintas, ao lado das correções, torna o códice especialmente interessante para os estudos de conservação. Algumas correções são pontuais, mas usam uma tinta preta que impede a leitura (Figura 21). Outras correções são extensas, com uma tinta sépia que pode ter tido essa cor originalmente ou sofrido esmaecimento (Figura 22).

Figura 21. Bifólio 126-129 com correção no canto inferior direito.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

Figura 22. Bifólio 25-28 com correção extensa por toda a folha 25 r.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

Aproveitando o fato do códice estar desmontado, foi realizado o imageamento multiespectral dos fólios 25 e 70, conforme descrição do Quadro 3. O objetivo é conseguir observar o que estava escrito por detrás da mancha preta. A análise desse teste ainda não foi concluída.¹⁶

¹⁶ A produção das imagens e seu processamento ficaram a cargo de Alexandre Oliveira Costa e Kethlin Barroso, a quem agradeço pelo apoio técnico.

Quadro 3. Imageamento Multiespectral dos fólhos 25 e 70 do Códice AVC 16 do APM.

Os fólhos foram fotografados de forma conjunta, frente e verso.

O imageamento multiespectral foi realizado segundo os seguintes comprimentos de onda, em um total de 12 imagens, sendo a imagem inicial realizada com a cartela de referência cromática, Colorchecker® Calibrite® para correção do balanço de branco na Luz Visível.

Câmera fotográfica Canon EOS Rebel T6 – 18 megapixels; modificada para *fullspectrum*, com a retirada do filtro infravermelho sobre o sensor, original de fábrica, (a retirada do filtro infravermelho estende a sensibilidade do sensor digital da câmera para um intervalo compreendido aproximadamente entre 350 e 1100 nm, dentro do espectro eletromagnético); objetiva Canon 50mm f/2.5.

Sistema de iluminação híbrido (LEDs, fluorescente e halógena) e filtros ópticos (filtro de bloqueio UV-IR cut, com passagem de banda dos 400nm aos 700nm – somente Luz Visível; filtro de bloqueio UV, Kodak 2E, para Fluorescência UV, com passagem de banda acima dos 415nm; filtro de bloqueio UV-Visível, Kodak 87B, com passagem de banda acima dos 720nm, para Fotografia IR). Os comprimentos de onda utilizados na iluminação multiespectral foram: **Luz Visível** (LED Yongnuo YN660) – Espectro visível total, 400-700nm; RGB (vermelho, verde e azul), comprimentos de onda monocromáticos, 640nm, 520nm e 460nm, respectivamente; LED amarelo, 580nm (aproximado) **Radiação Ultravioleta** – lanterna forense de LED, 365nm; lâmpada fluorescente eletrônica (luz negra BLB), com pico de radiação em 365nm, e pequena emissão em 403nm; refletor de LED, 395nm. **Radiação Infravermelha** – lâmpada halógena/incandescente, 400nm-1000nm; Refletores de LED IR, 850nm e 940nm.

Fonte: Alexandre Oliveira Costa, comunicação pessoal.

Outra dimensão importante na caracterização do papel empregado no códice é a sua gramatura. Foram pesados alguns dos bifólios com menores perdas de suporte, bem como a sua medição mais precisa. As medidas obtidas encontram-se no Quadro 4, onde também é possível ver o resultado em termos da gramatura estimada do papel. Com esses fólhos selecionados, foram encontradas gramaturas entre 82 e 84 g/ m² (exceto o bifólio 103-104, de gramatura bem mais elevada: 91,1 g/ m²), o que levou a uma estimativa de que o papel original deveria possuir uma gramatura de 90 g/m².

Quadro 4. Dimensão, massa e gramatura de bifólios selecionados.

Bifólio	Dimensões (mm)		Massa (g)	Gramatura (g/ m ²)
	Largura	Altura		
16-21	296	206	5,1	83,6
17-20	295	206	5,12	84,3
18-19	295	206	4,97	82,9
24-29	297	206	5,02	82,1
32-37	297	207	5,05	82,1
81-82	295	207	4,92	80,7
103-104	298	207	5,62	91,1

Fonte: elaboração própria.

O teste de pH é necessário para identificar situações em que o papel possa estar acidificado. Embora o códice seja composto por papéis de trapo, que não costuma apresentar acidificação, foi feito o teste em dois fólios do códice, um em seu início (fólio 8) e outro do seu final (fólio 130). Foram utilizados o teste com fita Merk e o peagâmetro de contato. Ambos indicaram um pH levemente básico (Quadro 5).

Quadro 5. Teste de pH.

Locais	Fita Merk	Peagâmetro de contato
Fólio 8	7-8	8,47
Fólio 130	7-8	8,65

Fonte: elaboração própria.

Tendo caracterizado em termos mais gerais o códice, seus bifólios e a constituição do seu papel, foi possível tomar decisões mais seguras em direção ao uso da MOP no processo de reconstituição do suporte desse manuscrito.

4. CAPÍTULO 3. TESTES PRELIMINARES E TRATAMENTOS E DO CÓDICE AVC-16 DO APM

A proposta de intervenção no Códice AVC-16 nesse momento centrou-se sobretudo na reconstituição do suporte nos seu bifólios. Conforme relatado acima, os bifólios encontravam-se bastante deteriorados, sobretudo por ataque de insetos bibliófagos. Orientando-se pela observação das suas características físico-químicas e as características próprias do seu processo de degradação, o tratamento inicialmente proposto foi a obturação e reenfibragem. Consiste basicamente no preenchimento das lacunas a partir da utilização de polpa de celulose compatível com as suas características físico-químicas. Dada a extensão dos danos e a não reação das tintas nele utilizadas com a água, foi possível utilizar o procedimento mecânico em meio líquido com a utilização da máquina obturadora de papéis (MOP). A restauração de documentos em papel em meio aquoso é complexa por significar uma intervenção profunda na estrutura físico-química do material. Entretanto, a extensão dos danos justifica essa opção já que técnicas manuais demandariam muito tempo e com isso inviabilizariam o trabalho.¹⁷

O primeiro passo para a obturação e reenfibragem mecânica foi a pesagem de alguns bifólios para identificar a perda de massa de celulose, e, portanto, definir a reposição a ser feita. A rigor, deveriam ser pesados todos os bifólios para que se obtivesse o valor exato de massa de celulose a ser reposta em cada um. Entretanto, isso exigiria um cálculo preciso de cada volume de polpa diluída a ser acrescentado a cada movimento na MOP, o que tornaria o trabalho muito moroso. Como o objeto de utilizar a MOP é tornar o processo de restauro mais ágil, o ganho de agilidade oferecido pela obturação e reenfibragem mecânica se inviabilizaria. Assim, selecionamos alguns bifólios que, a olho nu, apresentavam perdas nem muito severas nem pouco extensas. Realizamos a pesagem, que está apresentada no Quadro 6.

¹⁷ Para uma revisão geral dos métodos de conservação de papel, ver Baty et al. (2010) e Zervos e Alexopoulou (2015). Especificamente sobre o processo de reintegração mecânica com reforço, ver Cox Hollós (1999).

Quadro 6. Massa de bifólios selecionados.

Bifólio	Resultado 1	Resultado 2	Resultado 3	Média
58-59	4,62	4,61	4,61	4,61
73-74	4,36	4,35	4,36	4,56
81-82	4,92	4,90	4,91	4,91
89-90	4,30	4,29	4,29	4,30
103-104	5,62	5,60	5,62	5,61

Fonte: elaboração própria.

Pelas dimensões da área da MOP, decidimos que seria possível realizar o trabalho de reintegração mecânica com dois bifólios simultâneos. A partir daí, decidimos cobrir parte da área da MOP, deixando a tela aberta em um retângulo de 33x46 cm; portanto, 0,153 m². Com essa dimensão e com um papel de 90 g/m², o resultado seria um papel com massa de 13,68 gramas. Como dois bifólios pesavam cerca de 10 g, deveria ser acrescentado a cada movimento da MOP o total de 3,68 g. Tínhamos 70 bifólios a serem reintegrados, o que daria 35 movimentos da MOP (já que seriam dois bifólios por movimento). Além disso, havia três fólios separados, e nesse caso consideramos a necessidade de outros três movimentos da MOP, embora demandando maior quantidade de polpa. Assim, foi definido que precisaríamos de 140 g de polpa de papel (3,68 g multiplicadas por 38 movimentos).

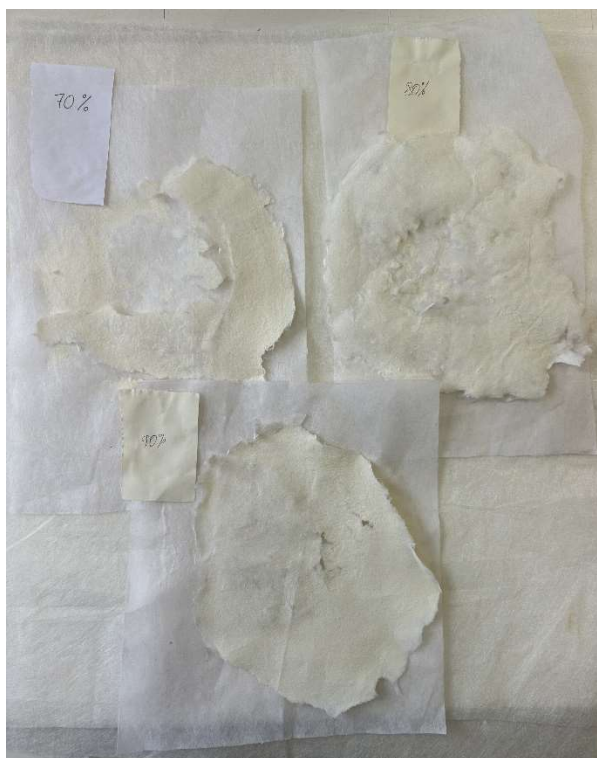
Definida a quantidade de polpa necessária para todo o trabalho de reintegração, era necessário definir a cor da polpa de papel a ser utilizada. Para tanto, foram testadas três proporções de papel Hahnemuhler¹⁸ branco com papel Ingres¹⁹; respectivamente 30%, 20% e 10% do papel Ingres. Após a secagem das três amostras, o melhor resultado foi a combinação de Hannemuhler com 30% do papel Ingres (Figura 23). Portanto, foram utilizados 98 g de papel Hahnemuhler branco e 42 g de papel Ingres marfim. Após a pesagem, os papéis foram picotados e deixados em 2 litros de água deionizada por 24 horas para hidratação. Após esse período, houve a

¹⁸ Papel Hahnemuhler, 120 g/m², papel branco, fibra de algodão, vergé, superfície texturizada, alcalino.

¹⁹ Papel Fabriano Ingres, 90 g/m², papel vergé, superfície texturizada, alcalino. Não foi possível nomear apropriadamente a tonalidade do papel pela ausência do padrão antigo de cor da marca, mas pelas referências atuais corresponderia à cor marfim. Disponível em: <https://www.etsy.com/pt/listing/780730095/small-pieces-fabriano-ingres-90gsm-laid?variation1=1314607380>, acesso em 20/06/2025.

extração da água excedente e sua substituição por nova água deionizada, na mesma quantidade.

Figura 23. Teste de cor da polpa de papel.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

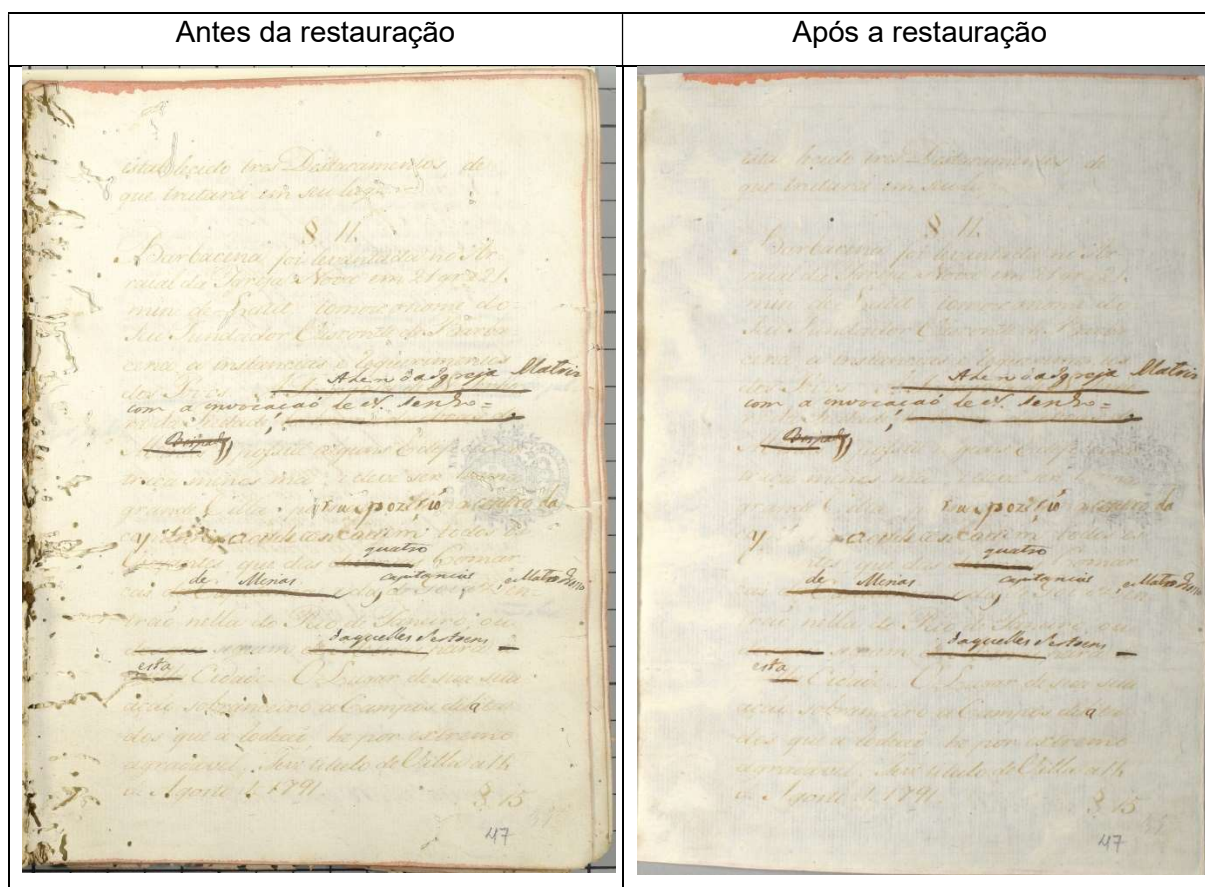
O passo seguinte foi bater a polpa de papel em uma concentração controlada. De início, estabeleceu-se uma concentração de 0,7% da solução, o que implicaria na combinação de 19,86 Kg de água para 140 g de polpa de papel. Entretanto, com o início do processo de trituração da polpa no liquidificar, ficou claro que tal concentração dificultaria a obtenção de um resultado mais satisfatório. Assim, decidiu-se acrescentar 24,0 Kg de água, resultando em uma concentração de 0,58%.

Conforme destacado anteriormente, cada movimento da MOP teria que receber 3,68 g de polpa de papel. Como há uma perda no processo de inserção da polpa na MOP e há uma parte da polpa que permanece aderida a partes da MOP, decidiu-se acrescentar 4 g de polpa de papel a cada movimento. Assim, considerando-se a solução obtida, cada movimento da MOP deveria receber 686 ml, na qual estaria contida a massa de 4 g de polpa de papel.

Outro aspecto a ser destacado foi a decisão de realizar a obturação sobre a face do bifólio que, após a dobra para encadernação, ficaria internamente. Essa decisão está atrelada à necessidade futura de fazer um reforço com papel japonês na face externa de cada bifólio já que essa é a parte a receber maior tensão no processo de dobra, costura e fixação das pastas para encadernação.

Tomadas essas decisões, foi realizado um primeiro teste com os bifólios 34-35 e 40-47 a fim de verificar todo o andamento do processo. Nesse primeiro teste, os bifólios receberam um banho de 5 minutos em água deionizada antes de passar pelo processo de obturação na MOP. No dia seguinte, após a plena secagem de ambos, verificou-se que, embora o processo tenha resultado em uma boa limpeza do papel, houve uma perda sutil de legibilidade do manuscrito devido ao clareamento do papel. Nas Figuras 24 e 25 são apresentados os resultados obtidos com a folha 47 r. Portanto, decidiu-se eliminar o banho de 5 minutos, privilegiando a legibilidade em detrimento de uma maior limpeza.

Figura 24. Folha 47 r antes e após restauração com banho de 5 minutos.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

Outro ajuste tomado após o teste diz respeito à encolagem. Ela foi feita com adesivo de metilcelulose CP6000 com concentração inicial de 5%. Entretanto, verificou-se que o papel se apresentou levemente rígido após a secagem. Portanto, reduziu-se a concentração para 2%. Feitos esses ajustes, iniciou-se o processo de obturação e reenfibragem dos bifólios do manuscrito. O passo-a-passo do processo é descrito no Quadro 7.

Quadro 7. Procedimentos para obturação e reenfibragem mecânica.

PRÉ-MOP Colocar dois bifólios sobre uma tela em cima de uma toalha de algodão ou microfibra. Umedecer os bifólios por aspersão de água deionizada e depois cobrir com uma segunda tela. Posicionar os bifólios na janela demarcada da MOP. Retirar a tela superior, retirar as pontes. Colocar alfinetes para prenderas áreas mais degradadas, soltas ou com risco de se soltarem.
MOP Realizar os movimentos da MOP
PÓS-MOP Erguer cuidadosamente a tela com os bifólios, retirando-os do interior da MOP. Colocar a tela com os bifólios sobre uma toalha de algodão ou microfibra. Encolar os bifólios aspergindo a solução de metilcelulose a 0,2%. Colocar uma entretela em cima dos bifólios. Colocar uma toalha em cima da entretela para remover o excesso de umidade. Realizar movimentos de secagem com um rolinho por cima da toalha, sem aplicar força: movimentos de centro para fora, em formato de bandeira inglesa e com reforço no local da dobra original. Retirar a toalha. Colocar o mata-borrão. Virar o conjunto com o mata-borrão. Ainda em cima da toalha e do mata-borrão, retirar a tela cuidadosamente, enrolando-a a partir do canto inferior direito. Encolar novamente os bifólios, com menor quantidade de solução de adesivo. Colocar uma segunda entretela. Levar para a secadora o conjunto formado por: entretela – bifólios – entretela – mata-borrão. Aguardar a secagem por 24 horas.

Fonte: elaboração própria.

Após a secagem, os bifólios obturados foram separados (já que o procedimento da MOP foi feito em dois bifólios simultaneamente) e em seguida refilados cuidadosamente para eliminar o excesso de papel formado nas suas bordas. Deve-se

assinalar que esse procedimento teve que considerar a necessidade de preservar a borda avermelhada que marca os cortes da encadernação original.

A etapa seguinte foi a planificação, feita com a umidificação suave usando água deionizada. Sobre uma tela fina de serigrafia ou entretela, repousada em um mata-borrão, foi colocado o bifólio e em seguida houve a aplicação da água por aspersão. Cobrindo a face inicialmente umedecida com uma tela ou entretela, foi feita a sua inversão, retirada a tela ou entretela e repetida a aspersão de água sobre a outra face, nesse caso em menor quantidade. Concluindo o processo, o conjunto foi colocado entre dois mata-borrões e acondicionado entre duas placas de MDF. Cada par de MDF recebeu em seu interior o máximo de 5 conjuntos contendo bifólios para planificação. Cada conjunto desse foi formado pela sequência de: mata-borrão – tela/entretela – bifólio – tela/entretela – mata-borrão.

Após a secagem, os bifólios foram examinados para identificar aqueles que ainda tinham problemas e para que se fizesse o seu acabamento final. Esse acabamento obedeceu às etapas descritas no Quadro 8.

Quadro 8. Procedimentos para acabamento da obturação e reenfibragem mecânica.

1. Brunimento suave das partes com enxertos resultantes da obturação (evitando áreas do original);
2. Dobrar os bifólios e verificar onde houve descolamento do enxerto, colando essas partes com adesivo metilcelulose.
3. Retirar com bisturi (lâmina cega) o excesso de polpa que cobrir a área avermelhada (usar leve umedecimento); se necessário, umedecer levemente a área.
4. Nos locais em que margem estiver soltando:
 - a. colar com metilcelulose;
 - b. brunir com espátula, sobre entretela ou toalha fina de microfibra para facilitar a adesão;
 - c. cortar rebarbas após a secagem.
5. Nos locais não obturados pela MOP:
 - a. desenhar a área a ser preenchida em papel vegetal ou no papel resultante do refilamento;
 - b. perfurar no foan e retirar a parte para fazer a obturação;
 - c. depois de desbastar as margens, passar a metilcelulose no retalho (sobre placa de vidro);
 - d. com toalha e tela sob o bifólio, colocar a parte a ser enxertada;
 - e. passar espátula sobre uma segunda toalha e retirar para secagem.

Fonte: elaboração própria.

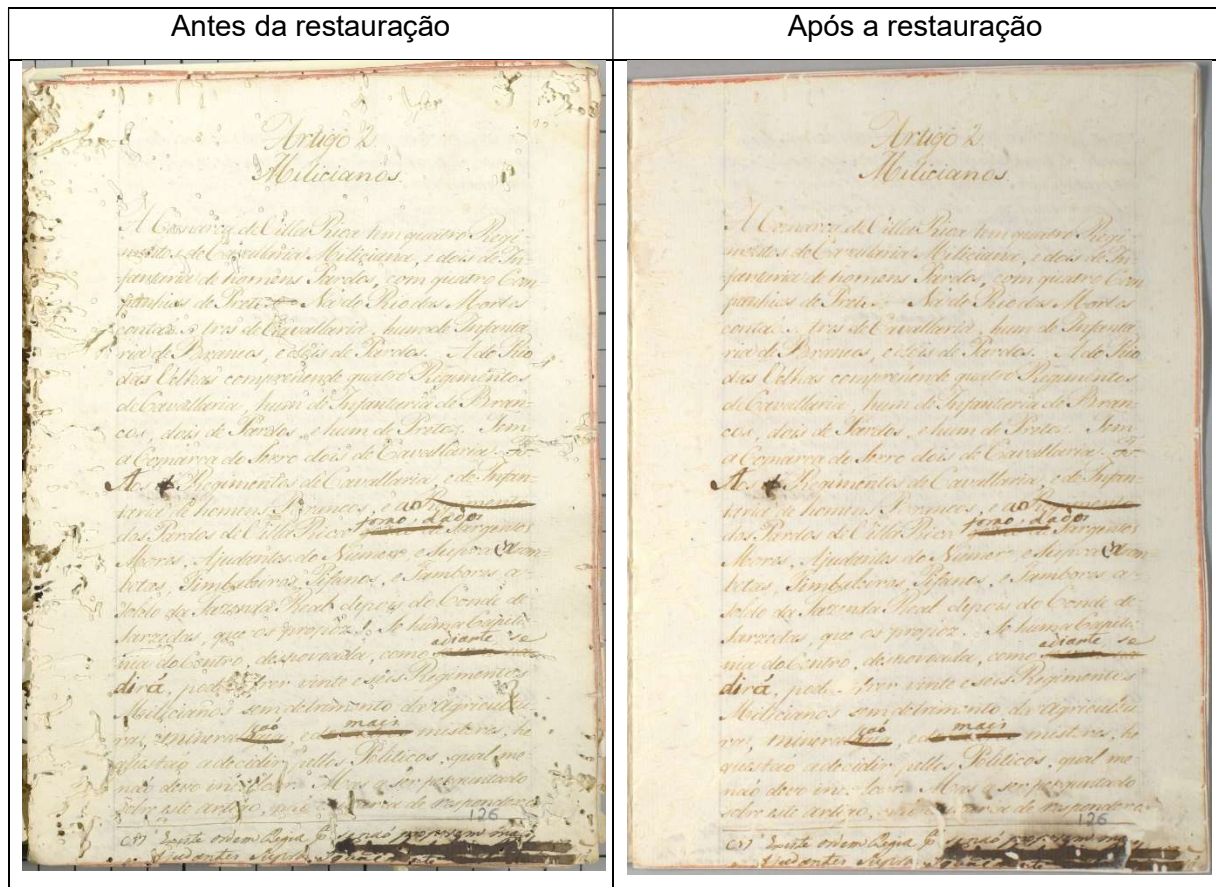
Com o acabamento, encerrou-se o processo de restauro do suporte do manuscrito, com todos os bifólios devidamente reparados e prontos para a encadernação. Comparações entre o estado inicial e o estado final, após a restauração, são apresentadas nas Figuras 26, 27, 28 e 29.

Figura 25. Folha 73 r antes e após a restauração.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

Figura 26. Folha 126 r antes da restauração.



Fonte: APM, Códice AVC-16, 18/12/2024, fotografia do autor.

5. CONCLUSÃO

A proposta de intervenção no Códice AVC-16, apoiada no campo da Restauração, procurou recuperar o suporte do manuscrito, que se encontrava bastante deteriorado, embora estável do ponto de vista da ação de agentes biológicos. Dadas as dimensões do códice (140 folhas) e a extensão dos danos causados pelo ataque de insetos bibliófagos, considerou-se pertinente realizar a obturação e reenfibragem de forma mecânica, utilizando a máquina obturadora de papéis (MOP). Os testes preliminares indicaram que as tintas utilizadas no manuscrito não reagem à água, o que encaminhou o trabalho nessa direção. O trabalho com a MOP permitiu a rápida conclusão dessa etapa da restauração do códice. Além disso, o trabalho preparatório para o uso da MOP, com a limpeza mecânica, a desmontagem do códice e os estudos codicológicos permitiram conhecer com maior profundidade o documento.

Ao término desse trabalho, todos os bifólios que compõem o códice estão restaurados e mapeados. Houve uma limpeza significativa do papel, sem que fosse necessário qualquer outro tratamento para além da própria passagem pela água durante a operação com a MOP. Embora tenha havido uma pequena perda na legibilidade de algumas partes do manuscrito, com o esmaecimento sutil da tinta em algumas áreas, todo o trabalho foi orientado para a preservação desse aspecto: a garantia da leitura do manuscrito, agora com o papel livre da maior parte das sujidades e com o suporte recuperado. Além disso, a paginação original foi recuperada, com a inserção correta de fólios encadernados erroneamente. O manuscrito encontra-se nesse momento em fase final de acabamento dos fólios, com os procedimentos já definidos e em andamento.

As etapas seguintes do restauro serão a encadernação e o acondicionamento e serão conduzidas por esse mesmo pesquisador/restaurador ao longo do próximo semestre. Ambas as etapas terão que ser alvo de pesquisa própria, tanto no que diz respeito às opções de encadernação para preservação quanto no que se refere às necessidades e limites do órgão de guarda do documento, o Arquivo Público Mineiro. Essas novas etapas, portanto, demandarão o contato e a discussão com os representantes do órgão, de modo a finalizar a contento a volta desse documento à sua guarda definitiva.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, Márcia. Introdução: considerações sobre a materialidade da escrita e as três camadas de informação. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 28, p. 1-13, 2020.

ALMADA, Márcia. A mão, o olho e a matéria: reflexões sobre a identificação das técnicas e materiais da pintura em documentos históricos. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 26, p. 1-31, 2018.

ALMADA, Márcia. Cultura material da escrita ou o texto como artefato. In: CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da; MEIRELLES, Juliana Gesuelli (org.). *Cultura escrita em debate: reflexões sobre o império português na América, séculos XVI a XIX*. Jundiaí: Paco Editorial, 2018. p. 19-42.

ALMADA, Márcia. A produção, a circulação e o uso de manuscritos pintados na Era Moderna. In: SANT'ANNA, Sabrina; CAMPOS, Adalgisa Arantes (org.). *Cultura artística e conservação de acervos coloniais*. Belo Horizonte: Editora Clio, 2015. p. 209-227.

ALMADA, Márcia.. Cultura escrita e materialidade: possibilidades interdisciplinares de pesquisa. *Pós: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG*, Belo Horizonte, v. 4, p. 134-147, 2014.

ALMADA, Márcia.; TERRA, Ana C. Utsch; VELOSO, Bethania Reis (org.). *Experiências e reflexões sobre a restauração de documentos gráficos*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

ALMADA, Márcia.; BOJANOSKI, Silvana. *Glossário Ilustrado de conservação e restauração de obras em papel: danos e tratamentos*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

ALMADA, Márcia.; MONTEIRO, Rodrigo Bentes. O Discurso e a Notícia: manuscritos sobre a revolta de 1720 atribuídos a Pedro Miguel de Almeida, 3º Conde de Assumar. *Tempo*, Niterói, v. 25, p. 1-25, 2019.

- ANASTASIA, Carla M. J. Estudo crítico. In: VASCONCELOS, Diogo Pereira Ribeiro de. *Breve descrição geográfica, física e política da Capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994. p.11-41.
- COX HOLLÓS, Adriana Lúcia. O processo de reintegração mecânica com reforço. *Anais do Congresso da ABRACOR*, p.261-263, 1999.
- DIAS, Maria Odila da Silva, Aspectos da ilustração no Brasil, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (doravante *RIHGB*), Rio de Janeiro, 278: 105-70, jan./mar. 1968
- GONÇALVES, Marina Furtado. *O tratamento da tinta ferrogálica: estudo de um conjunto de documentos manuscritos sobre papel de trapo da Coleção Casa dos Contos do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. (Monografia - Bacharelado em Conservação- Restauração de Bens Culturais Móveis).
- GONÇALVES, Marina Furtado. Separados no nascimento: estudo de técnicas, materiais e estado de conservação de dois manuscritos iluminado do século XVIII. Belo Horizonte: UFMG, 2015. (Dissertação – Mestrado em Artes).
- GRAMMONT, Guiomar de; ALMADA, Márcia . Apresentação: Cultura escrita no mundo moderno. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 35, p. 405-412, 2019.
- LYRA, Maria de LourdesViana, *A utopia do poderoso império*, Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.
- MAXWELL, Kenneth, *Marquês de Pombal, paradoxo do Iluminismo*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- McAUSLAND Jane and STEVENS Phillip, *Techniques of lining for the support of fragile works of art on paper, The Paper Conservator, Journal of the Institute of Paper Conservation*, v. 4, p. 33-44, 1979.
- ODOR CHÁVEZ, Alejandra. Las tintas ferrogálicas: su historia, deterioro y estabilización. México, D.F.: Instituto Nacional de Antropología y Historia, 2013 (Tesis – Licenciada).
- QUINTÃO, Régis Clemente. “Papel, penas e drogas para tinta”: materiais de escritório na administração diamantina do século XVIII. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, vol. 28, p. 1-25, 2020.

RODRIGUES, José Honório. *História da História do Brasil*. Volume 2. 2 ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1979.

VASCONCELOS, Diogo Pereira Ribeiro de. *Breve descrição geográfica, física e política da Capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994.

VINHAS, Salvador Muñoz. *Teoria contemporânea da restauração*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2021.

VINHAS, Salvador Muñoz. *La restauración del papel*. Madrid: Tecnos, 2010.

ZERVOS, Spiros, ALEXOPOULOU, Irene. Paper conservation methods: a literature review. *Cellulose*, v.22, p. 2859-2897, 2015.

ZERVOS, Spiros, BARMPIA, Dimitra. Investigating the causes of paper strength loss after aqueous treatments. In: ENGEL, Patricia; SCHIRÒ, Joseph; LARSEN, René; MOUSSAKOVA, Elissaveta; KECSKEMÉTI, István. Horn, Viena: Verlag Berger, 2011. p. 131-152.